

Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”  
UNIGRANRIO

João Rodrigo Rocha Perestrelo

Consumo e violência no funk proibido.

Rio de Janeiro  
2017

João Rodrigo Rocha Perestrelo

Consumo e violência no funk proibidão.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração, da Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy” para obtenção do grau de mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo André Teixeira Ayrosa

Rio de Janeiro  
2017

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me permitir chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais José Ilário Perestrelo e Sueli Fatima Rocha Perestrelo, que sempre investiram em meus estudos e sempre acreditaram que eu conseguiria chegar até aqui. Amo vocês!

Aos meus irmãos Louise e Matheus, que mesmo diante de tantas diferenças eu amo de uma forma incondicional.

Aos meus tios (as) Sandro e Sandra por sempre terem acreditado em mim.

As amigas Inês Azevedo e Deborah Carla, que muito me estimularam a trilhar a vida acadêmica. Muito obrigado mesmo!

Aos novos amigos que conquistei nesse mestrado: Cristiane, Ana Cristina, Daniel, Alex, José Geraldo, Rodolfo, Guilherme, Letícia, Renan, Lutumba e em especial Russencleyton Barros e Fabio Passos que me acompanharam nesses anos de luta, cedendo seus ouvidos e sempre ofertando palavras de estímulo.

A amiga Alessandra Mendonça que, juntamente comigo, decidiu encarar esse mestrado. Nos matriculamos em um outro programa juntos, e juntos nos transferimos para a Unigranrio. Obrigado por ter me acompanhado!

Aos professores do PPGA da Unigranrio que muito contribuiu para o meu crescimento: João Felipe, Denise Barros, Luciano Rossoni, Angilberto, Cristina Sinay, Daniela, Deborah, Michel Tiollent.

A professora e coordenadora Rejane Prevot pelo acolhimento no programa e por todos os conselhos e palavras de carinho destinadas a mim nesses dois anos.

E o agradecimento mais especial, eu destino ao meu orientador, Eduardo André Teixeira Ayrosa, que desde o começou muito me ensinou. Muito obrigado pela amizade, por toda preocupação e paciência para comigo!

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é identificar e descrever como a violência subjetiva de Zizek (2014), aparece em mensagens inseridas nas letras do *Funk* proibidão. Com a finalidade de estabelecer quais funções enunciativas relacionadas com a violência, toma-se como ponto de partida para responder a seguinte questão: “Com quais funções enunciativas objetos relacionados a atos de violência subjetiva aparecem nas letras do *funk* proibidão? ”. Foram selecionadas do *Youtube* e analisadas, individualmente, 18 canções do mesmo estilo musical retiradas do canal “O Coringa Vida Loka”.

Essa análise foi desenvolvida por meio de uma análise do discurso e o seu resultado teve pôr fim a resposta desejada. Mostrou que diferentes marcas e produtos presentes nas suas letras são usados para: ( i ) Declarar a união existente entre grupos diversos; ( ii ) Como forma de um grupo/pessoa se auto afirmar; ( iii ) Descrever o estado em que um grupo/pessoa se encontra; ( iv ) Transmitir um aviso; e ( v ) Descrever as condições que levaram um determinado grupo / pessoa a fazer algo.

**Palavras-chave:** Violência, Consumo, *Funk*, Análise do Discurso, Funções Enunciativas.

## **ABSTRACT**

The goal of this work is to understand how the Zizek (2014) subjective violence is conveyed in messages inserted in the lyrics of the “Funk Proibidão”. Aiming to establish such enunciative functions related to violence inserted on the lyrics, as a start point, the following question must be answered: “With which enunciative functions objects related to subjective violence are shown on the FUNK Proibidao? ”. 18 songs, of the same kind, were selected from YouTube, channel “O Coringa Vida Loka” and analyzed individually.

The result of this analysis helped us to attain our goal. It pointed out that different brands and classes of products present in their lyrics are used to: ( i ) Declare the existing union among groups; ( ii ) As a way for a group/individual to self-assert; ( iii ) To describe the status of a group/individual; ( iv ) To convey a warning; and ( v ) To describe the conditions that lead a group / individual to do something.

**Key words:** Violence, Consumption, Funk, Discourse Analysis, Enunciative Functions

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1 - Framework sintético da TCC</b> .....	18
<b>Imagem 2 - Família Função Enunciativa “Aviso”</b> .....	49
<b>Imagem 3 - - Família Função Enunciativa “Declaração de união”</b> .....	51
<b>Imagem 4 - Função enunciativa “Descrição de estado”</b> .....	55
<b>Imagem 5 - Família função enunciativa “Autoafirmação”</b> .....	58
<b>Imagem 6 - Família função enunciativa “Descrição de condição”</b> .....	61
<b>Imagem 7 - Rede das Funções Enunciativas e Formações Discursivas</b> .....	63

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 2 - Relação do corpus da pesquisa</b> .....	43
<b>Tabela 3 - Definições Constitutivas e Operacionais das categorias a priori</b> .....	46
<b>Tabela 4 - Funções enunciativas</b> .....	47
<b>Tabela 5 - Formações discursivas</b> .....	47
<b>Tabela 6 - Funções enunciativas x Formações discursivas</b> .....	48
<b>Tabela 7 - Coocorrência entre funções enunciativas e Ato e Estado de violência</b> ..	64
<b>Tabela 8 - Coocorrência entre funções enunciativas e Marcas</b> .....	65
<b>Tabela 9 - Coocorrência entre funções enunciativas e categorias de produto</b> .....	65
<b>Tabela 10 - Coocorrência entre formações discursivas e perspectivas de violência</b>	66
<b>Tabela 11 - Vertentes com as tipologias do funk apresentada por Laignier</b> .....	76

# Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	Pergunta de Pesquisa .....	11
1.2	Objetivos.....	12
1.2.1	Objetivo final.....	12
1.2.2	Objetivos intermediários .....	12
1.3	Relevância.....	12
1.4	Delimitação.....	13
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	14
2.1	Consumo .....	14
2.1.1	A Teoria da Cultura de consumo - TCC.....	16
2.2	Violência.....	18
2.2.1	O que é violência? .....	19
2.2.2	As formas da violência .....	20
2.2.3	Ato de violência <i>versus</i> estado de violência.....	24
2.2.4	Violência segundo Zizek .....	27
2.3	<i>Funk</i> .....	28
2.3.1	História do <i>funk</i> .....	28
2.3.2	<i>Funk</i> carioca .....	30
2.3.3	Vertentes do <i>Funk</i> .....	35
2.3.4	<i>Funk</i> Proibidão. ....	36
2.4	Relações entre violência e consumo nas letras do <i>funk</i> proibidão.....	39
3.	PERCURSO METODOLÓGICO .....	41
2.5	Tipo de pesquisa .....	41
2.6	Formação do Corpus de Dados .....	41
2.7	Métodos de análise dos dados.....	43
4.	ANÁLISE DOS DADOS .....	49
4.1	Função Enunciativa "Aviso" .....	49
2.4.1	"Vacilou, perdeu" .....	49
2.4.2	"Estamos prontos" .....	50
4.2	Função Enunciativa "Declaração de União".....	51
2.4.3	"Valeu brother".....	51
2.4.4	"Estamos prontos" .....	52
2.4.5	"É nós".....	53
2.4.6	"Empoderamento" .....	54
2.4.7	"Esse sou eu (ele)".....	54



2.5	Função enunciativa “Descrição de estado” .....	55
2.5.1	“Nós somos o máximo” .....	55
2.5.2	“Esse sou eu (ele)” .....	56
2.5.3	“Nossa vida é assim” .....	57
2.6	Função enunciativa “Autoafirmação” .....	57
2.6.1	“Intimidação” .....	58
2.6.2	“Nós somos o máximo” .....	59
2.6.3	“Estamos prontos” .....	60
2.6.4	“Esse sou eu (ele)” .....	60
2.7	Função enunciativa “Descrição de condição” .....	61
2.7.1	“Vacilou, perdeu” .....	61
2.7.2	“Nós somos o máximo” .....	62
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	68

# 1 INTRODUÇÃO

Segundo Bouchet (2014), violência é a negação da fronteira do outro. É a expressão de uma desigualdade fundamental em um relacionamento entre as pessoas. A violência presente na música em destaque reafirma a definição que Bouchet (2014) nos traz sobre este tema, uma vez que nela, tanto polícia quanto bandido acabam optando pela negação de suas fronteiras.

Letras de músicas estão repletas de mensagens violentas (LEONARD e CABUSAS, 2010 p. 842). Este exemplo que demos é apenas uma pequena amostra do que toca nas rádios e nas redes sociais. Alguns estilos musicais canalizam de forma mais clara e frequente estas mensagens violentas. Neste trabalho, analisaremos a forma como a violência está presente no *funk* brasileiro.

Alguns estudiosos especificaram de forma mais completa o que seria violência. Zizek (2014), define esse tipo de violência como *subjetiva*, visível pelo cidadão (daí *subjetiva*, pois afeta a sua subjetividade), presente em seu no dia a dia. Para ele, os exemplos mais evidentes de violência subjetiva são atos de crime e terror, confrontos civis, conflitos internacionais. Zizek (2014) contrapõe a violência subjetiva à violência *objetiva*. Esta é descrita como invisível, naturalizada, entendida como algo que acontece sem que nos demos conta. É ela que sustenta um nível de “normalidade”, um nível zero de violência contra a qual o percebemos como violento é classificado como a violência subjetiva.

A violência objetiva de Zizek (2014) carrega certa similaridade com aquela que Sodré (2002) classifica como um *estado de violência* ou *violência social*, aquela que não se manifesta em ações (atos violentos), fazendo com que essa seja considerada uma violência silenciosa.

Pinker (2007) relata que diversas sociedades vêm utilizando da violência, tanto aquela que se apresenta de forma visível quanto a invisível, como forma de entretenimento, bem como poderá ser observado nesse estudo, onde o *funk* proibidão, que

está incluso em um mercado, vende, de forma direta, a violência que Zizek (2014) classifica como subjetiva.

Em marketing, esse mercado é constituído por indivíduos e lares que compram bens para seu uso (SANDHUSEN, 1998). Kotler (2003), complementa essa definição afirmando que os compradores atuais e potenciais de um produto, compartilham de desejos e necessidades que devem ser satisfeitas por meio de trocas. Paixão (2012), esquematizou em sua obra que o consumidor, após reconhecer a real necessidade de adquirir certo produto, passa por certas etapas até chegar ao consumo do mesmo.

Na literatura, diversas foram as definições atribuídas ao consumo. De acordo com Slater (2002), já foi considerado desperdício, esbanjamento, e nos dias atuais é considerado ‘a única finalidade e propósito de toda a produção’ (pp. 29-30). Slater (2002) ainda afirma que é o interesse do consumidor que movimenta o interesse do produtor (p. 30). Para Engel, Blackwell e Miniard (2005), consumo seria o uso de um ‘produto’ que o consumidor conquistou. Esse consumo na sociedade em que vivemos ajuda a defender o que Baudrillard (1995) e Slater (2002), afirmam como sendo uma substituição do “ser” pelo “ter”. De acordo com essa visada, as pessoas passam a não ter valores pelo o que elas são, mas sim pelo o que elas possuem. Slater (2002) afirma que a cultura do consumidor é uma cultura de consumo, que na década de 80 foi batizada por TCC (Teoria da Cultura de Consumo). Arnould e Thompson (2005), contribuem dizendo que é o mercado que faz a mediação entre a cultura vivida e os recursos sociais.

Questões como violência e consumo poderão ser vistas neste trabalho, onde serão utilizadas letras do *funk* proibidão indicando como a violência subjetiva de Zizek (2014) é comercializada.

## **1.1 Pergunta de Pesquisa**

Assumindo (i) que “Violência e seu consumo não é um fenômeno novo.” (Leonard e Cabusas, 2010, p. 842); (ii) que o *funk* proibidão é eivado de violência representada (Sodré, 2002); e (iii) que a violência subjetiva (Zizek, 2014) expressa-se discursivamente, proponho a seguinte pergunta: Com que funções enunciativas objetos relacionados a atos de violência subjetiva aparecem nas letras do *funk* proibidão?

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo final**

Diante da realidade que tanto a violência quanto o funk proibidão estão inseridos na sociedade, e que esse funk carrega em suas letras o modo violento como os moradores de certo local falam da vida e dos bens que circulam suas vidas, meu objetivo final é: Identificar e descrever como a violência subjetiva aparece em enunciados presentes nas letras do *funk* proibidão.

### **1.2.2 Objetivos intermediários**

1. Identificar marcas e categorias de produtos presentes nas letras do *funk* proibidão;
2. Identificar as funções enunciativas dos enunciados em que marcas e categorias de produtos estão presentes.
3. Analisar o que essas funções enunciativas revelam sobre a violência subjetiva assim como ela é representada no *funk* proibidão.

## **1.3 Relevância**

Comumente nos deparamos com falas que apresentam certo repúdio as letras do *funk* proibidão, devido a quantidade de violência narrada por ele, violência essa que Sodré (2002), chama de ‘representada’, tendo em vista que ela é narrada nos meios de comunicação, e tem como objetivo conquistar grandes audiências.

Este estudo tem como base questões que contemplem consumo e violência nas letras do *funk* proibidão, a partir do estudo realizado por Žižek (2014). O autor apresenta duas classificações distintas para violência. A primeira ele batiza de ‘objetiva’ e a considera como uma violência imperceptível, diferentemente da segunda violência que ele chama de ‘subjetiva’, e afirma que essa é mais facilmente percebida na sociedade. Essas definições serão trabalhadas de forma mais abrangente no segundo capítulo deste trabalho.

No âmbito das ciências sociais, trabalhos que estabeleceram relações entre consumo e *funk*, já foram desenvolvidos (OLIVEIRA, 2016; LIBARDI, 2016, SCHERRER, 2015; ABDALLA, 2014). Contudo não fora desenvolvido nenhum estudo que faça uma análise do consumo nas letras do *funk* proibidão, sob o prisma da violência.

Nesta pesquisa, violência e consumo se relacionam com a intenção de responder as questões que foram propostas nos objetivos desse estudo.

A relevância desse trabalho está em compreender de que forma a violência subjetiva é consumida nas letras do *funk* proibidão, de forma naturalizada.

#### **1.4 Delimitação**

Essa pesquisa se restringiu a análise do *funk* como estilo musical. Serviram como objeto desse estudo somente os *funks* nacionais, que se encaixaram na vertente proibidão. O estudo aconteceu durante o período de janeiro a junho de 2017, e foram avaliados o consumo da violência subjetiva nas letras do *funk* proibidão e como algumas marcas e/ou categorias de produtos foram utilizadas para descrever essa violência, mas que não necessariamente estão ligadas a ela de forma direta.

Dento do âmbito teórico, essa pesquisa trará contribuições baseadas nas obras de:

- Violência: Sodré (2002), Zizek (2014) e Odália (1985);
- *Funk*: Vianna (1987), Laignier (2013) e Essinger (2005);
- Consumo e cultura de consumo: Arnould e Thompson (2005), Slater (2001) Featherstone (1990) e Barbosa (2004).

Esse trabalho não foi elaborado para estudar o *funk*. Na verdade ele é o local onde acontecem as manifestações (expressões) culturais que vão revelar aquilo que se deseja mostrar, tais como: as relações violentas que estão presentes dentro do modo como as pessoas falam dos bens, e estão diluídas dentro do discurso dos bens, e das falas que as pessoas usam para falar desses bens.

Não é a intenção, nesse momento, fazer esse trabalho de orientação crítica, embora seja fundamental.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 1.5 Consumo

Vivemos, atualmente, em uma sociedade que gira em torno do consumo (SLATER, 2002; BARBOSA, 2004; FEATHERSTONE, 1990). Comprar alimentos, roupas, bebidas, remédios, viajar, ir a shows, teatros, cinemas, etc. Consumo é um conceito que direta ou indiretamente encontra-se presente nas ações descritas acima, ou seja, faz parte do nosso cotidiano. Será que já paramos para analisar o quanto o consumo se faz presente no nosso dia-a-dia? Silveira (2011), afirma que o consumo é um dos pilares fundamentais da sociedade contemporânea (MCCRACKEN, 2013; CAMPBELL, 2001; DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004; FEATHERSTONE, 2007 *apud* SILVEIRA, 2011). Barbosa (2004), afirma que: “consumir, seja para fins de satisfação de ‘necessidades básicas’ e/ou ‘supérfluas’ [...] é uma atividade presente em toda e qualquer sociedade humana.” (p. 7) Para que saibamos responder melhor o questionamento acima, é necessário entendermos melhor a definição de consumo.

Diversos autores apresentam definições para consumo. Dias (2014), define como: “um mecanismo institucionalizado pelas necessidades de um tipo de sistema social.” (p. 123) Dentre as definições contidas no Dicionário da ABL<sup>1</sup> (2008), encontra-se uma que complementa a definição de Dias (2014), colocando o consumo como uma “aplicação de bens na satisfação das necessidades do homem” (p. 351). Holbrook (1987), é categórico ao afirmar que o consumo se faz por meio de uma aquisição, do uso e da disposição de bens, podendo ser classificados como – produtos, serviços, ideias e eventos – que passam a atribuir certo valor, na vida de quem os consome (p. 128)<sup>2</sup>.

Para Barbosa (2004), o consumo “está preenchendo, entre nós, uma função acima e além daquela de satisfação de necessidades [...] Significa admitir, também, que ele adquiriu na sociedade moderna contemporânea uma dimensão e um espaço que nos permitem discutir através dele questões acerca da natureza da realidade.” (p. 14). Uma das dimensões que o consumo atingiu na sociedade atual, foi o de traçar a identidade do consumidor (BARBOSA, 2004; SLATER, 2001; BAUDRILLARD, 2003). Para Barbosa

---

<sup>1</sup> Sigla utilizada para se referir a Academia Brasileira de Letras.

<sup>2</sup> Products are goods, services, ideas, events, or any other entities that can be acquired, used, or disposed of in ways that potentially provide value.

(2004), “[...] o verdadeiro local da nossa identidade deve ser encontrado não nos produtos que consumimos ou naquilo que possuímos, mas em nossa reação a eles.” (p. 56)

Slater (2001), afirma que:

“O consumo é sempre e em todo lugar um processo cultural, mas a ‘cultura do consumo’ é singular e específica: é o modo dominante de reprodução cultural desenvolvido no Ocidente durante a modernidade. A cultura do consumo é, em aspectos importantes, a cultura do Ocidente moderno.” (p. 17)

Autores como Barbosa (2004) e Baudrillard (1995), corroboram com fala de Slater (2001), ao afirmar que a cultura do consumo está ligada à modernidade, o que não exclui a ideia de que a mesma fosse realizada em épocas mais remotas. Barbosa (2004), ao fazer um estudo sobre as origens históricas do consumo, afirma que ele pode ser estratificado de duas formas distintas onde “uma se preocupa com o quando e outra com o que mudou” (BARBOSA, 2004 p. 14). Barbosa (2004), assegura, ainda, que a temática *quando* surgiu na década de 80 com o início daquilo que anos depois viria a ser denominado por Around e Thompson (2005), como *Consumer Culture Theory*, ou CCT<sup>3</sup>, tema esse que será abordado mais à frente.

A partir do século XVI, o consumo passa por uma revolução, devido à expansão ocidental no oriente. (BARBOSA, 2004; SLATER 2001; CORRIGAN, 1997; MCCRACKEN, 1988).

A identidade, que outrora estava relacionada diretamente com instituições e associações como: família, trabalho, religião, passa a ter uma relação maior com o consumo. (CAMPBELL, 2006 p. 53)

Alguns fatores marcaram essa revolução do consumo. O primeiro deles aconteceu no período Elizabethano, onde em uma “tentativa de Elizabeth I por centralizar o seu reino”, ao estabelecer que toda a nobreza inglesa residisse ou fosse a Londres, tendo que participar do teatro da corte. Diante de tal imposição, a nobreza se encontrava na obrigação de chamar a atenção da Rainha, utilizando trajes finos, joias e acessórios que pudessem demonstrar determinadas formas de status. Uma das formas de realizarem tal fato redundou no do que conhecemos hoje como moda. (BARBOSA, 2004; SLATER 2001; CORRIGAN, 1997; MCCRACKEN, 1988, 2003)

---

<sup>3</sup> Terminologia utilizada para *Consumer Culture Theory*.

O surgimento da moda marca um momento em que a estabilidade das classes e do status está se desintegrando. Esse tipo de análise tende a equiparar moda - e, por isso, a revolução do consumo - à competição por status, imitação e consumo conspícuo: novos padrões do consumo são associados a um processo “trickle-down<sup>4</sup>”, em que as camadas que aspiram à ascensão modelam seu consumo no das camadas mais altas. (SLATER, 2001 p. 27)

Um outro fator histórico de extrema importância para o consumo, acontece entre os séculos XVII e XIX, a Revolução Industrial, período descrito por Tocalino (2016), como a época “onde o consumo de bens e serviços passou a acontecer de forma mais significativa.” Para Corrigan (1997), o consumo de massa, decorrente da Revolução, acontece “em oposição ao consumo de elite” (p. 9).

### 1.5.1 A Teoria da Cultura de consumo - TCC

“A década de 1920 surge como a primeira década consumista, mas vista mais de perto, parece apenas a época da colheita de uma revolução muito mais longa, em geral datada de 1880-1930. Essa era vê o surgimento de um sistema de produção em massa das manufaturas cada vez mais dedicado a produzir bens de consumo [...] Se a cultura do consumo nasceu aqui, é porque enfatizamos vários processos interdependentes: manufatura em massa; a disseminação geográfica e social do mercado; a racionalização da forma e a organização da produção.” (SLATER, 2002 p. 22)

Na década de 50 alguns estudiosos econômicos sentiram a necessidade de estudar a atuação dos consumidores no mercado no qual estavam inseridos, porém somente nos anos 60 surgiram os alicerces que ajudaram nesses estudos. (GAIÃO, SOUZA e LEÃO 2012).

Na década de 80 surge, nos Estados Unidos, a *Consumer Culture Theory* (CCT), conhecida em português como Teoria da cultura do consumo (TCC), uma teoria que buscava um levantamento mais arraigado com questões que envolvem o consumo. Gaiam, Souza e Leão (2012) asseguram que a TCC foi “fortemente influenciada pela antropologia cultural, tal perspectiva leva em conta a complexidade da realidade sociocultural, dedicando especial atenção para a subjetividade da natureza humana e para a importância que têm os aspectos simbólicos dentro das interações sociais.” (p. 331)

---

<sup>4</sup> Efeito “Trickk-down” é a crença de que a riqueza adicional obtida pelas pessoas mais ricas de uma sociedade terá um efeito econômico positivo na vida de todos. (SLATER, 2001 p. 27)



Para Arnould e Thompson (2005), a TCC...

“é uma tradição de pesquisa interdisciplinar que avançou nos conhecimentos sobre a cultura do consumo (em todas as suas manifestações heterogêneas) e gerou resultados empiricamente fundamentados e inovações teóricas que são relevantes para um amplo círculo nas disciplinas de ciências sociais básicas, políticas públicas, e setores gerenciais. ” (p. 869)<sup>5</sup>

O fundamento da TCC advém da forma como os consumidores constituem e transformam o significado simbólico do consumo que pode estar presente nas publicidades, marcas, em lojas ou até mesmo nos bens materiais. A TCC tem evoluído em questões que tangem o comportamento do consumidor, onde são apresentados quatro campos temáticos. (1) projetos de identidade dos consumidores; (2) as culturas de mercado; (3) os padrões sócios históricos de consumo, e (4) as ideologias de mercado mediada em massa e estratégias interpretativas dos consumidores.

No primeiro campo temático “projetos de identidade dos consumidores”, encontram-se os estudos sobre identidade, que veem o consumidor como um agente participativo das informações recebidas, onde ele mesmo participa na construção da sua identidade. Para Barbosa (2004), “[...] o verdadeiro local da nossa identidade deve ser encontrado não nos produtos que consumimos ou naquilo que possuímos, mas em nossa reação a eles. ” (p. 56)

Já para Arnould e Thompson (2005), “o mercado tornou-se uma fonte proeminente de recursos míticos e simbólicos através dos quais as pessoas [...] constroem narrativas de identidade. ” (p. 871).

Quanto ao segundo campo, Arnould e Thompson (2005), observam o consumidor não apenas como pessoas que usufruem da cultura, mas que são capazes de produzir sua própria cultura, podendo forjar sentimentos em prol de um interesse próprio.

No que tange o terceiro campo Arnould e Thompson (2005), consideram as “estruturas institucionais e sociais que influenciam sistematicamente o consumo, como classe, comunidade, etnia e gênero. ” (p. 874).

---

<sup>5</sup> CCT is an interdisciplinary research tradition that has advanced knowledge about consumer culture (in all its heterogeneous manifestations) and generated empirically grounded findings and theoretical innovations that are relevant to a broad constituency in the base social science disciplines, public policy arenas, and managerial sectors.

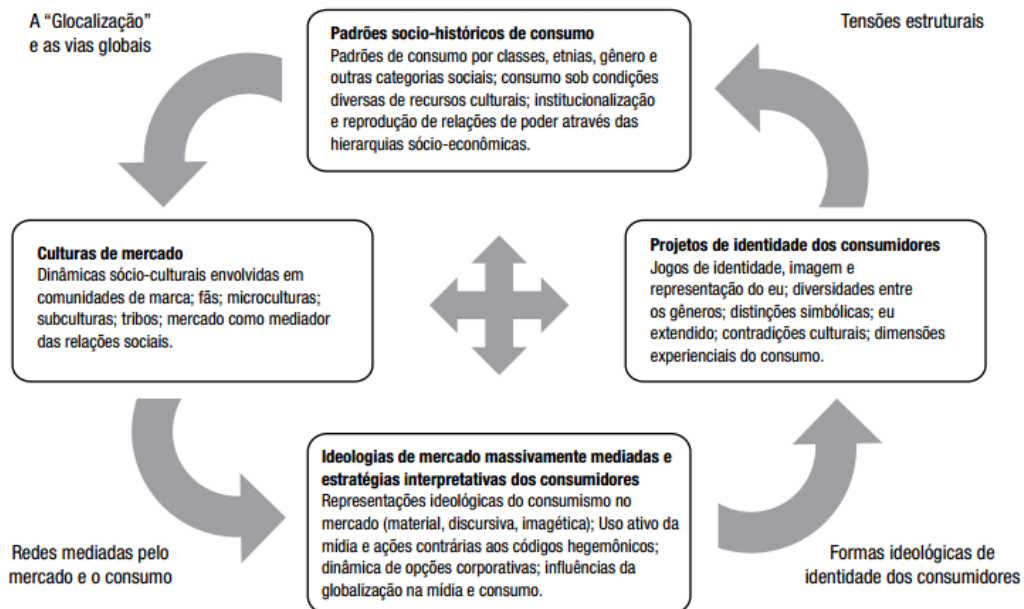
No quarto e último campo “ideologias de mercado mediada em massa e estratégias interpretativas dos consumidores” Arnould e Thompson (2005), afirmam que os consumidores:

[...] são concebidos como agentes interpretativos, cujas atividades vão desde a criação de significado, àqueles que tacitamente abraçam as representações dominantes de identidade do consumidor e ideais de vida retratado na publicidade e meios de comunicação social para aqueles que conscientemente desviam-se dessas instruções ideológicas [...] (p. 874)

Para Albino et al (2010), esse campo da TCC “analisa o consumidor enquanto receptor e produtor dos significados das mensagens emitidas pelos meios de comunicação de massa” (p. 6).

Gaião, Souza e Leão (2012), formularam um *framework* sintético da TCC, ilustrando como os quatro campos se relacionam, como poderá ser visto na imagem 01.

**Imagem 1 - Framework sintético da TCC**



Fonte: Gaião, Souza e Leão, 2012 p. 333

## 1.6 Violência

Nesta seção serão discutidas questões pertinentes ao tema, desde suas definições, suas tipologias e um breve discurso que distingue um ato de um estado de violência.

### 1.6.1 O que é violência?

A violência é uma prática recorrente na história, mas se torna mais pronunciada em certas épocas históricas e em certos regimes sociais e tem sido uma preocupação constante de estudiosos das diversas áreas do conhecimento. (CUNHA, 2007 p. 21)

Diante da fala de Cunha (2007), afirmando que a violência é uma prática histórica, ou seja, que vem desde tempos remotos, buscou-se uma definição no Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2008), que nos mostra o seguinte:

1. Emprego ilegítimo da força física ou da coação moral para se obter alguma coisa;
2. Grande força ou poder com que se manifestam certos fenômenos;
3. Estado ou condição em que a sociedade fica sujeita à ação de bandidos e malfeitores. (DICIONÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008 p. 1293).

Essas definições priorizam uma violência que é ocasionada por meio de um ato violento. Mesmo a definição (3), que se refere àquilo que Sodré (2002), chama de *estado de violência*, recorre à descrição da possibilidade de atos violentos sobre as pessoas que estão assujeitadas por tal estado.

É de suma importância, nesse estudo, que desmistifiquemos a ideia de que toda violência existente se faz por meio de atos violentos. Oliveira e Martins (2013), informam que se faz necessário abandonarmos a ideia de que todo tipo de violência ocasiona certo dano de ordem física no ser humano. Para Odalia (1985):

A violência, no mundo de hoje, parece tão entranhada em nosso dia-a-dia que pensar e agir em função dela deixou de ser uma ação circunstancial, para se transformar numa forma do modo de ver e de viver o mundo do homem. Especialmente, do homem que vive nas grandes cidades. (p. 9)

Bouchet (2014), em um curto comentário num resumo de apresentação em congresso, define violência como a negação da fronteira do outro, a negação do outro

como o outro. Já Sodré (2002), afirma que a violência tende à destruição da ordem. Chesnais (1981), garante que ela é mutável e designa realidades bem diferentes, segundo lugares, épocas, meios e circunstâncias (1981, apud, SOUZA 2011).

Segundo Minayo e Souza (1999):

É muito difícil conceituar a violência, principalmente por ser ela, por vezes, uma forma própria de relação pessoal, política, social e cultural; por vezes uma resultante das interações sociais; por vezes ainda, um componente cultural naturalizado. (p. 10)

Odalía (1985), segue afirmando “que viver em sociedade foi sempre um viver violento [...] e ela sempre aparece em suas variadas faces. ” (p. 13). Exemplificando, temos diversos acontecimentos que ocorreram e alguns que ainda ocorrem, tais como: a história bíblica dos irmãos Caim e Abel; a forma como os negros eram tratados à época do Brasil imperial; as variadas guerras que aconteceram e as que acontecem até os dias atuais; os múltiplos atentados terroristas que tanto nos assombram; as narrativas de diversos crimes que se encontram estampadas nas manchetes dos jornais, dentre vários outros exemplos que poderiam ser citados.

### **1.6.2 As formas da violência**

Para Odalía (1985), a violência pode ser representada em cinco tipos distintos: original, institucionalizada, social, política e revolucionária.

A *violência original* é considerada a forma de violência mais agressiva de todas. É aquela que se utiliza da força física para que possa ser posta em prática. “Essa violência, qualquer que seja sua intensidade, está presente nos bairros sofisticados e nas favelas, ela se estende do centro à periferia da cidade. ” (pp. 9-10)

Esta forma de violência, segundo a visão do autor, “é uma das condições básicas da sobrevivência do homem no mundo natural hostil em que vive. ” (p. 14). A exemplo tem-se o caso do homem que precisa se armar em prol de sua própria defesa ao adentrar em uma floresta, ou o simples fato do homem ter que sacrificar um animal para que o mesmo seja seu alimento. Alguns dos exemplos de violência original mencionados por Odalía (1985), estão contidos na Bíblia, que para ele “é um repositório incomum de

violências, um abecedário completo e variado, que vai [...] do crime passional ao crime político.” (pp. 18-19).

A *violência institucionalizada* é aquela que acontece de forma naturalizada na sociedade. Essa forma de violência nunca foi tão abordada nos meios de comunicação de massa, como nos dias atuais, o que tende a torna-la rotineira. Observa-se, como exemplo, casos onde as desigualdades sociais (relações entre riqueza e pobreza) são tratadas de forma simples. Para Assis e Nascimento (2013), a pobreza e a riqueza por si só já são uma relação violenta.

Na correria do dia-a-dia, o fato de convivemos com moradores de rua em uma grande cidade se tornou um fato imperceptível. Odalia (1985), afirma que “O ato rotineiro e contumaz da desigualdade, das diferenças entre homens, permitindo que alguns usufruem à saciedade o que à grande maioria é negado, é uma violência.” (P. 30) Ainda de acordo com Odalia (1985), a violência institucionalizada “é um produto social e não pode ser analisada nem como um ato de vontade do homem, nem como uma imposição da natureza do homem”. (p. 32)

A *violência social*, segundo Odalia (1985), se manifesta por meio de “atos violentos que: ou atingem, seletiva e preferencialmente, certos segmentos da população [...] ou, se possuem um alcance mais geral, são apresentados e justificados como condições necessárias para o futuro da sociedade” (p. 38).

Essa forma de violência toca em questões como educação e saúde. Vivemos em um país onde esses dois serviços – públicos – não suprem suas respectivas demandas, como pode ser visto na matéria publicada no BBC Brasil do dia 11 de janeiro, que traz como título “Saúde pública: Como o RJ chegou a uma de suas piores crises no ano dos Jogos”. Para Odalia (1985), essa é a forma de violência que “está perfeitamente sincronizada como uma sociedade que está mais preocupada em produzir [...]” (p. 41) Odalia (1985), diz ainda que o preconceito, seja ele racial, social ou sexual, também se encontram dentro dessa tipologia.

A quarta forma, *violência política*, é descrita por Odalia (1985), da seguinte forma:

[...] não se deve compreender tão somente a ação terrorista, de direita ou de esquerda, cujas atividades são abundantemente divulgadas, ou cuidadosamente escamoteadas. A violência política assume formas as mais diversas: pode ser um assassinato político, a invasão de um país por um outro, o desaparecimento de dissidentes, legislação eleitoral que fraudava a opinião pública, leis que não permitem às classes sociais, especialmente o operariado, organizar seus sindicatos. (p. 48)

Por fim, Odalia (1985), nos apresenta a *violência revolucionária*, considerada por ele uma forma de violência política que carrega em seu bôjo uma revolução. É o caso da Revolução Francesa, onde o terceiro estado (classe da sociedade composta por trabalhadores e camponeses) se rebela contra o clero e contra a nobreza, e decidem ir às ruas com a intenção de assumir poder e destronar o Rei Luis XVI.

Já Sodré (2002), em sua obra, “*Sociedade, Mídia e Violência*” lista 5 tipos diferentes de violência: anômica, sociocultural, sociopolítica, representada e social.

A primeira delas, intitulada como *violência anômica* que se caracteriza como a forma de violência cruelmente representada pela mídia, e que é de fácil visualização nas ruas das cidades, principalmente nas grandes metrópoles. Sodré (2002), exemplifica essa tipologia afirmando ser decorrente de “agressões, assaltos e homicídios.” (p.66).

Entende-se essa forma de violência como:

“A ruptura, pela força desordenada e explosiva, da ordem jurídico-social, e que pode eventualmente dar lugar à delinquência, à marginalidade [...] inscreve-se neste campo o ato da violência, em que implicam os crimes de morte, os assaltos, os massacres e outras variantes.” (SODRÉ, 2002 p. 16)

A *violência sociocultural* é a forma de violência resultante do poder atribuído a alguém ou a algum grupo de pessoas. Nesse tipo de violência estão enquadradas a violência contra as mulheres, os negros, os homossexuais, os religiosos dentre outros.

No que diz respeito a *violência sociopolítica*, Sodré (2002), afirma que é proveniente de atos repressivo do Estado, podendo ser presenciada em diversas situações e momentos na história. Essa forma de violência pode se ver estampada nas manchetes dos jornais pós um ato de protesto do povo contra alguma postura do governo.

Sodré (2002), nos traz que a *violência representada* é aquela narrada tanto nos meios de comunicação de massa quanto pela indústria de entretenimento. Para Sodré (2002), essa forma de violência “tende a viabilizar publicamente a agressão recorrente na vida cotidiana (...) com a finalidade de conquistar maior audiência. “ (p.12)

Já a *violência social* é apresentada de forma distinta em relação as tipologias que foram apresentadas até o momento. Esta não pode ser descrita em “atos”. São violências “silenciosas, invisível, burocrática, decorrente de um modelo social fixado pela hipertrofia centralista do poder” (p. 13) como destaca o autor.

Na tabela 1 encontra-se um paralelo entre as tipologias de violência destacadas por Odalia (1985) e Sodré (2002).

Tabela 1 - Comparação entre as tipologias de violência de Odalia e Sodré

<b>Forma de ação</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Odalia (1985)</b>	<b>Sodré (2002)</b>
Força física	Sobrevivência, ordem social	Original	Anômica
Ato violento naturalizado, por vez imperceptível	Nenhuma específica	Institucionalizada	Social
Ato violento cristalizado na cultura	Produzir e reforçar diferenças sociais	Social	Sociocultural
Força do estado, terrorismo	Impor ordem social, clamor por mudança de ordem social	Política	Sociopolítica
Terrorismo, ação social militarmente organizada	Revolução, tomada de poder	Revolucionária	
Representação midiática	Mercadológica		Representada

**Fonte: Elaboração própria.**

Observando a tabela 1, nota-se que dentre os tipos de violência expostas por Sodré (2002) e Odalia (1985), quatro delas apresentam certa similaridade, porém com nomenclaturas diferenciadas, e somente duas, não.

Tanto a violência Original (ODALIA, 1985) quanto violência Anômica (SODRÉ, 2002) são violências, que acontecem como forma de sobrevivência. Elas podem ser percebidas por pequenas atitudes no dia a dia de um cidadão. O simples e rotineiro hábito de exterminar um animal para saciar a fome, está enquadrado nesses tipos de violência.

Já a violência que Sodré (2002), chama de Institucionalizada, Odalia (1985), chama de Social, que por vezes são imperceptíveis. Elas se assemelham com o estado de violência (SODRÉ, 2012), que será apresentado no próximo tópico dessa dissertação. Com a mesma nomenclatura, Odalia (1985), chama de violência Social aquelas que se manifestam por meio de atos violentos, e por diversas vezes essa tipologia serve como forma de distinguir pessoas em uma sociedade. Essa forma de violência, Sodré (2002) chama de Sociocultural.

Ambos os autores classificam a violência exercida pelo Estado como uma violência política (ODALIA, 1985), ou Sociopolítica (SODRÉ, 2002). Para Odalia (1985), a violência política que apresenta qualquer tipo revolução, classifica-se como Revolucionária. Por fim, Sodré (2002) apresenta uma violência que encontra-se bastante presente nesse trabalho, que é a violência Representada, que tem por finalidade o mercado, utilizando da mídia como forma de veiculação.

### **1.6.3 Ato de violência *versus* estado de violência**

Mesmo diante dos cinco tipos de violências estudadas por Sodré (2002), é possível perceber duas perspectivas diferentes quanto ao uso dessa palavra, onde ela pode ser enquadrada ora como um ato ora como um estado de violência (pp. 15-16). Para uma melhor compreensão, encontram-se abaixo algumas narrativas, onde se encontram determinadas formas de violência.



1. O então presidente norte americano, Obama defende o controle de armas, após Chis Harper Mercer invadir uma Universidade e deixar dez pessoas mortas após disparos com armas de fogo.
2. Em um levantamento realizado pela Alerj (Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro), mostra são registrados na cidade do Rio de Janeiro, mais de mil casos de intolerância religiosa em um curto espaço de tempo de 2 anos e meio.
3. Carlos Drummond de Andrade foi mais uma vez alvo de vandalismo, na praia de Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro. A estátua de bronze, que já teve os olhos roubados inúmeras vezes, amanheceu pichada neste dia de Natal.
4. Professor dá tapa em sua mesa com o intuito de despertar a atenção de seus alunos.
5. Morador de Niterói, o piloto Luis Miranda, de 42 anos, percorre um longo caminho até sua casa quando aterrissa depois das 22 horas no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, na Ilha do Governador. Para fugir da violência da Linha Vermelha, Miranda prefere pegar outro avião e passar a noite em São Paulo. Só volta no dia seguinte, pela manhã, quando acredita estar mais seguro. "Já fiquei preso dentro do carro com tiroteio do lado de fora, sem poder fazer nada. Perco tempo e dinheiro, mas acho que a vida é mais importante", diz Miranda. O comandante não exagera. Construídas para encurtar o caminho entre a Baixada Fluminense e a Zona Oeste, as linhas Vermelha e Amarela cruzam 47 favelas e podem ser também o atalho para o medo. Só neste ano duas pessoas morreram vítimas dos bandidos e pelo menos 132 carros foram roubados. Por causa de tiroteios, a Linha Amarela já foi fechada 17 vezes desde janeiro. Nos 36 quilômetros das duas estradas a vida está numa permanente encruzilhada.

Entre os casos apresentados, percebe-se em alguns, narrativas que expõem formas de violência de maneira mais precisa, que são descritas por meio de atos, como pode ser visto nos quatros primeiros exemplos. Já no último, o medo que as pessoas têm de trafegar pelas Linhas Amarela e Vermelha constitui um estado de violência, por conta das diversas histórias provenientes de atos violentos que acontecem diariamente nestas vias de grande circulação.

Atos de violência ou estado de violência? Mas afinal qual a diferença existente entre esses dois conceitos?

Diante de tais questionamentos, pretende-se realizar um debate que nos leve a descrever de forma mais eficaz as perspectivas destacadas por Sodré (2002), que define esses atos da seguinte forma:

(...) violência visível, entendida como a ruptura, pela força desordenada e explosiva, da ordem jurídico-social, e que pode eventualmente dar lugar à delinquência, à marginalidade ou aos muitos ilegalismos coibíveis pelo poder do Estado. Inscreve-se nesse campo como ato de violência, em que implica os crimes de morte, os assaltos, os massacres e outras variantes. (p. 16)

Para Ferreira e Schramm (2000), as formas de violência descritas por meio de atos devem preencher as seguintes condições: I. causar danos a terceiros; ou II. utilizar-se de uma a força, seja ela física ou psíquica. (pp. 659-660), tal como descrito por Odalia (1985), ao definir a violência original.

Com luz nas definições apresentadas, fica mais clara a compreensão da classificação dos casos 1, 2 e 3 como atos violento, uma vez que são crimes que ferem leis preestabelecidas e implicam, em algumas vezes na morte. Leis essas que para Odalia (1985), “[...] consagram os limites de violência permitidos a cada sociedade. ” (P. 37) Porém nem todo ato violento se classifica por meio de um crime, como pode ser visto no caso 4.

O quinto caso, onde é retratado o medo que o piloto de avião Luiz Miranda tem em passar nas Linhas Amarela e Vermelha, é decorrente do grande histórico de atos violentos que acontecem diariamente nessas vias, atos esses que fazem com que indivíduos que por ali passam, fiquem mergulhados a esse estado de violência, que é considerada uma forma de violência institucional que se apresenta de maneira contínua, estrutural e irremediável (DORNELLES, 2004; SODRÉ 2002). Seria aquela que é manifestada por meio de uma percepção contínua e constante de insegurança.

Com base nas definições e nos exemplos acima, percebe-se que a sequência de atos violentos pode suscitar um estado de violência.

#### 1.6.4 Violência segundo Zizek

A violência que Odalia (1985), classifica como institucionalizada, é bem similar com a que Sodr e chama de social. Zizek (2014), vem classificar essas formas de violência como ‘objetiva’ e ‘subj tiva’, estando presentes em suas defini es tanto a forma de violência existente por meio de um ato, como a formas de violências que não são provenientes desses atos. Para Zizek (2014):

Os sinais mais evidentes de violência que nos vêm   mente são atos de crime e terror, confrontos civis, conflitos internacionais. Mas devemos aprender a dar um passo para tr s, a desembaraçar-nos do engodo fascinante desta violência ‘subj tiva’ diretamente visível, exercida por um agente claramente identificável. Precisamos ser capazes de perceber os contornos dos cenários que engendram essas explosões. O passo para tr s nos permite identificar uma violência que subjaz aos nossos próprios esforços que visam combater a violência e promover a tolerância. (p. 17)

Como violência subj tiva Zizek (2014), a julgou como a parte mais visível dentre as tipologias destacas por ele, afirmando que ela   “percebida como uma perturba o do estado de coisas ‘normal’ e pacífico” (p. 17) e que pode ser facilmente desempenhada por “agentes sociais, indivíduos maléficos, aparelhos repressivos disciplinados e multidões fan ticas” (p. 23).

Já a segunda tipologia que o autor esloveno nos apresenta,   caracterizada como uma violência objetiva, que se ramifica em outras duas: a simbólica e a sist mica. Sendo ela simbólica ou sist mica, Zizek (2014),   categórico ao afirmar que esta   imperceptível, pelo fato de “sustentar a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subj tivamente violento” (p. 17), ela   naturalizada e ocorre de forma despercebida pela sociedade. No que diz respeito aos tipos de violência objetiva, temos as seguintes defini es tragas por Zizek (2014):

[...] violência “simbólica” encarnada na linguagem e em suas formas, naquilo [...] essa violência não está em a o apenas nos casos evidentes de provoca o e de rela es de domina o social que nossas formas de discurso habituais reproduzem [...] Em segundo lugar, há aquilo a que eu chamo violência “sist mica”, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econ mico e político. (p. 18)

Oliveira e Ayrosa (2016) consideram difícil a interpretação do que Zizek (2014) apresenta com os termos "subjetiva" e "objetiva" para descrever as formas de violência. Quanto essas terminologias, eles dizem que:

É comum associar a objetividade à visão clara, distinta e geral de um fenômeno, e a subjetividade às idiossincrasias do sujeito que vê o mesmo fenômeno, às suas interpretações pessoais e, portanto, nebulosas para uso público. No entanto, Zizek coloca os termos em posições aparentemente (e *apenas* aparentemente) opostas a essas. A subjetividade neste caso refere-se àquilo que pode ser captado por minha sensibilidade, que ativa de alguma forma o sujeito e, por isso, é percebido. A objetividade refere-se à realidade, àquilo que vivemos em nossas vidas cotidianas, envolvidos nas atribulações comuns do dia a dia. Essa objetividade, como veremos, torna-se, como o ar que respiramos ou a pressão atmosférica, algo "natural". (OLIVEIRA e AYROSA, 2016 p. 4)

Diante das formas de violência que foram apresentadas até o momento, independente de como elas foram classificadas, encontram-se tanto as que se manifestam por meio de atos quanto aquelas que são percebidas diante de uma configuração mais amena em nossa sociedade, chamadas de: *institucional* (ODALIA, 1985), *social* (SODRÉ, 2002) e *objetiva* (ZIZEK, 2014).

## **1.7 Funk**

Nessa sessão será apresentada a história do *funk*, desde os anos 30 nos Estados Unidos até os dias atuais, tendo destaque para o *funk* nacional que começa a ter destaque no Brasil por volta dos anos 80. Serão apresentadas as vertentes do *funk*, segundo Laignier (2013), e um maior enfoque no *funk* proibidão, que foi a vertente escolhida para realizar esse estudo.

### **1.7.1 História do *funk***

Contrariando o que muitos acreditam o *funk* não é um estilo musical que teve sua origem nos morros cariocas. Vianna (1987) e Sá (2007), afirmam que se faz importante conhecer um pouco da história na música negra norte-americana entre os anos 30 e 40. Nessa época boa parte dos negros que residia nas fazendas do sul dos Estados Unidos, optou por migrar para grandes centros urbanos ao Norte dos EUA. Diante dessa mudança geográfica, o *blues*, que era um estilo musical rural, foi eletrificado fazendo surgir uma vertente desse estilo chamada de *rhythm and blues*. Tal mudança influenciou alguns

adolescentes brancos “que passaram a copiar o estilo de tocar, cantar e vestir dos negros” (p. 37), um de seus principais seguidores passa a ser o então jovem *Elvis Presley*.

Para Vianna (1987), boa parte desses negros continuou adepto desse blues mais eletrificado, porém muitos outros optaram por mudanças que os deixavam cada vez mais distantes do *rock*. A junção do *rhythm and blues* com o *gospel* (música protestante negra), faz surgir o *Soul* (CARDOSO, TEIXEIRA e LEMO, 2016) que para Vianna (1987), “é o filho milionário do casamento desses dois mundos musicais que pareciam estar para sempre separados” (p. 37).

Durante os anos 60, o *soul* foi um elemento importante, pelo menos como trilha sonora, para o movimento de direitos civis e para a “conscientização” dos negros norte-americanos. Tanto que, em 68, James Brown cantava “*Say it Loud – I’m Black and I’m Proud*.” (VIANNA, 1987, p. 37)

No final da década de 60 o *Soul* perdeu o que Vianna chamou de “pureza revolucionária” e passou a ser vista apenas como mais uma música negra norte-americana. Em consequência de tais fatos, Vianna afirmou que a gíria *Funky*:

(...) deixou de ter um significado pejorativo, quase um palavrão, e começou a ser um símbolo do orgulho negro. Tudo pode ser funky: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma maneira de tocar música, que ficou conhecida como *funk*. Se o *soul* já agradava aos ouvidos da “maioria” branca, o *funk* radicalizava suas propostas iniciais, empregando ritmos mais marcados (“pesados”) e arranjos mais agressivos. (p. 38)

Para Bezerra (2001), o pianista Horace Silver é considerado o pai do *funk*. Com uma mistura de ritmos, começou a difundir a expressão “*funk style*”. Inicialmente, o *funk* tinha uma batida mais lenta. Ele começou a ter o *swing*<sup>6</sup> que vemos hoje a partir do cantor James Brown.

Essinger (2005), afirmou que em 1969 os jovens brasileiros começaram a ser influenciados com a cultura musical negra norte-americana, inspirados no então cantor estadunidense James Brown, considerado o padrinho do *Soul* (CARDOSO, TEIXEIRA e LEMOS, 2016). Para Essinger esses jovens se definiam como: “(...) brau (isto é, de

---

<sup>6</sup> De acordo com o Dicionário infopédia da Língua Portuguesa, *Swing* possui as seguintes definições: 1. Qualidade rítmica própria do jazz; 2. Estilo de música jazz muito popular, geralmente tocado por bandas com muitos elementos, e caracterizando-se pela animação de ritmo; 3. Forma de dança inspirada no ritmo vivo deste estilo.

*Brown*) o jovem negro de classe baixa que experimentava o estilo *soul brother* (...)" (p. 38). Destacaram-se os cantores Gerson King Combo, Tim Maia, Carlos Dafé e Tony Tornado.

### 1.7.2 *Funk carioca*

“Desde o início dos anos 70 o *funk*, estilo musical inventado por negros norte-americanos, anima um número impressionante de festas realizadas no Rio de Janeiro e frequentadas por jovens que pertencem às camadas mais pobres da população. Segundo pesquisa que realizamos em 1987, acontecem cerca de seiscentas festas *funk* (conhecidas como bailes *funk*) por fim de semana, atraindo um público de mais ou menos um milhão de pessoas. Estes números colocam o baile *funk* como uma das diversões mais ‘populares’ da cidade. Só a praia parece atrair, com essa frequência, um público ‘fiel’ maior.” (VIANNA, 1990, p, 244)

“O *funk* carioca sempre foi visto como um ritmo marginal por boa parte da imprensa e por determinados segmentos da sociedade.” (FACINA, 2009, p. 1)

Ademir Lemos e Newton Duarte, foram dois personagens de importância ímpar para o *funk* carioca. O primeiro trabalhava em boates, já o segundo, mais conhecido como Big Boy era o responsável pela produção e apresentação diária de um programa na rádio Mundial. Com a parceria dessa dupla, criou-se o então famoso “Bailes da Pesada”, onde ambos atuavam como *disc jockeys* - DJs. (VIANNA, 1987; ESSINGER, 2005; FACINA, 2009; VAZ, 2013)

Na década de 70, aos domingos, no bairro nobre de Botafogo, mais especificamente no Canecão, aconteciam os “Bailes da Pesada”. Segundo Vianna a casa de show chegou a recepcionar cerca de 5000 pessoas de vários bairros da cidade do Rio de Janeiro. Após serem despejados pelos diretores da casa de show, Ademir Lemos fez o seguinte comentário:

“As coisas estavam indo muito bem por lá. Os resultados financeiros estavam correspondendo à expectativa. Porém, começou a haver falta de liberdade do pessoal que frequentava. Os diretores começaram a pichar tudo, a pôr restrição em tudo. Mas nós fomos levando até que pintou a ideia da direção do Canecão de fazer um show com Roberto Carlos. Era a oportunidade deles para intelectualizar a casa, e eles não iam perdê-la, por isso fomos convidados pela direção a acabar com o baile.” (VIANNA 1987, apud Jornal de Música, nº 30, fevereiro de 1977:5)

Essinger (2005), destaca o morador do Morro da Mineira *Mister Funky*, codinome de Oséas Moura dos Santos, como um dos maiores admiradores de Ademir Lemos e do Big Boy. Ele foi o responsável pelo primeiro baile carioca 100% *black*, que fora realizado no já extinto Astoria Futebol Clube, no bairro do Catumbi, onde anos mais tarde teve de ser demolido para a construção do viaduto que nos dias de hoje passa ao lado da Praça da Apoteose. Essinger (2005), descreveu esses bailes da seguinte forma:

O equipamento de som era alugado e muito primitivo, mesmo para época: dois toca-discos, alguns amplificadores e seis caixas de som - a mixagem era feita na chave do próprio amplificador (...) O clima já era *black* total – não só pela cor da pele da maior parte dos frequentadores, mas pela escuridão do baile, ainda muito deficiente no quesito iluminação. (p. 19)

A ideia de *Mister Funky*, segundo Essinger era: “produzir uma festa 100% negona, para levar a negada do morro para o asfalto. ” (P. 18) *Mister Funky* ainda afirma o seguinte:

“O *soul* que o Big Boy lançava era bacana, mas não era aquilo que o pessoal queria. Aí eu entrei com um *soul* pesado, marcado, e apanhei o público dele (...). Você estava dançando e daqui a pouco Big Boy tocava um Pink Floyd (...) aí você tinha que sentar, cruzar as pernas e acender um baseado. Ficava aquele clima de paz e amor. Na hora que tocava um *soul*, a negada do subúrbio abria uma roda. Mas eram quinze minutinhos de alegria só e ele cortava. ” (ESSINGER, 2005, p. 19)

Segundo Vianna (1987), “o Canecão passou a ser visto como o palco nobre da MPB” (p. 42), e o “Baile da Pesada”, que já não mais contava com a parceria de Big Boy e Ademir Lemos, teve que recorrer a diversos clubes dos bairros do subúrbio da cidade.

Alguns dos seguidores do Baile da Pesada tomaram a iniciativa de montar suas próprias equipes de som para animar pequenas festas. Não se sabe qual foi a primeira equipe. As opiniões a esse respeito divergem bastante, cada informante querendo dizer que foi o primeiro. As equipes tinham nomes como Revolução da Mente (inspirado no disco *Revolution of The Mind*, de James Brown), Uma Mente Numa Boa, Atabaque, Black Power, Soul Grand Prix e Furacão 2000. (VIANNA, 1987, pp. 42-43)

Gravadoras, como WEA, investiram no lançamento de LP's de *soul* nacional de banda/cantores como: União Black, Gerson King Combo, Robson Jorge, Rosa Maria, Alma Brasileira, Tim Maia, Cassiano e Tony Tornado. Com exceção de Tim Maia, todos tiveram um fracasso de vendas. (VIANNA, 1987 pp. 48-49)

---

<sup>7</sup> Abreviação utilizada para se referir a Música Popular Brasileira

Diante de tamanha dispersão, o movimento negro começou a perder forças na cidade carioca, principalmente após o surgimento das discotecas, influenciadas pelo filme “Os Embalos de Sábado a Noite” com John Travolta.

Somente na década de 80, a partir do ritmo *Miami Bases* vindo da Florida, que o *funk* voltou a moda na cidade maravilhosa, com canções mais erotizadas e batidas mais aceleradas. (LAIGNIER, 2013; VIANNA, 1987; ESSINGER, 2005; FACINA, 2009) Para Vaz (2013) o *Miami Bass* era “para dançar e composto por sons eletrônicos que, em alguns momentos, utiliza vozes.” (p. 20)

Segundo Silva (2014), até o ano de 1989 todas as músicas tocadas nos bailes da cidade maravilhosa eram internacionais, e um grande responsável por esses bailes era o DJ Marlboro, que: “produz e lança, pela PolyGram, o disco intitulado “*Funk Brasil*”, em 1989. Trata-se um divisor de águas na história do *funk* carioca/fluminense.” (LAIGNIER, 2013, p. 9) Uma das faixas de maior sucesso do disco de Marlboro foi “Melô da Mulher Feia” do Mc Abdullah (LAIGNIER, 2003, p. 314).

#### Melô da Mulher Feia

Essa aí e a melô da mulher feia pra danar em  
Eu estava lá no baile quando eu encontrei  
Uma mulher feia cheira mal como urubu  
E o que ela queria logo eu saquei. Pôr que?  
Mulher feia cheira mal como urubu  
[...]  
Já fazia mais de um mês banho ela não tomava. Pôr que?  
Mulher feia cheira mal como urubu  
Quem chegasse perto logo não aguentava. Pôr que?  
Mulher feia cheira mal como urubu  
[...]

Após o Marlboro lançar esse disco com letras 100% nacionais, diversos outros cantores surgem. A ideia no momento era narrar a realidade vivenciada nas favelas da cidade. Como o “Rap do Silva” do Mc Bob Rum. (ESSINGER, 2005, p. 107)

#### Rap do Silva

[...]



Era só mais um Silva que a estrela não brilha  
Ele era funkeiro  
Mas era pai de família  
Era trabalhador, pegava o trem lotado  
E a boa vizinhança era considerado  
E todo mundo dizia que era um cara maneiro  
Outros o criticavam porque ele era funkeiro  
O funk não é modismo  
[...]

Outro *funk* que rendeu bastante sucesso à época, foi o “Rap da diferença” da dupla Marquinhos e Dolores

#### Rap da diferença

[...]  
Qual a diferença entre o Charme e o Funk  
Um anda bonito o outro elegante  
Qual a diferença entre o Charme e o Funk  
Um anda bonito o outro elegante  
Eu sou funkeiro ando de chapéu  
Cabelo enrolado, cordãozinho e anel  
[...]

No começo da década de 90, os bailes cariocas foram marcados por diversas cenas de brigas. Para Vianna (1987), “os bailes estão cada vez mais violentos e essa situação já está passando dos limites suportáveis” (p. 77). Vianna (1987), narrou uma cena vivenciada por ele e pelo Dj Marlboro no baile do Clube Mackenzie, no Méier:

“Eu tinha acabado de chegar, acompanhado por Marlboro e outros amigos, no baile do Clube Mackenzie, no Méier. Esse pode ser considerado um baile charmeiro (a maioria das músicas que o DJ toca é charme). Marlboro conhecia o DJ Beto, que fazia na época o som no Mackenzie para a equipe Pop Rio, e que estava no bar, esperando o final de uma sessão rala-rala. Suas primeiras palavras para Marlboro tinham um tom desesperado. Ele dizia não saber mais o que fazer: estava conscientemente “queimando” o baile do Mackenzie pois não podia tocar nenhuma música conhecida com medo de que a festa se transformasse num massacre. Algumas vezes, ele até tentava colocar uma música mais animada, mas a reação do público, que começava imediatamente a pular e gritar, era tão assustadora que o DJ Beto era obrigado a tirar a música nos primeiros acordes, mixando-a com um charme, bem calmo e desconhecido, sob o protesto dos dançarinos. Beto disse que o Mackenzie é frequentado por muitos “bandidos” das redondezas, mas que eles são calmos e até ajudam a manter a ordem na festa. Quem causa os problemas são os “pivetes” que, ainda segundo Beto, só vão ao baile para brigar.” (pp. 77-78)

Essas cenas repletas de atos violentos, se fazia cada vez mais comuns nos bailes. Eles começaram a ser palco de briga entre os integrantes do mesmo. Costumavam dividir-se em grupos rivais, onde existia uma barreira, e se um integrante invadisse o lado do outro começavam as agressões. Esses bailes ganharam o nome de “baile *funk* de corredor” (LAIGNIER, 2013; MATTOS, 2006; ESSINGER, 2005; HERSCHMANN, 2005). Tais atos se arrastaram até os anos de 1999 e 2000 com a criação da CPI do *Funk*, que instituiu a Lei 3410 extinguindo esse tipo de violência nos bailes e culpando e responsabilizando os responsáveis pelos bailes de tais atos (PALOMBINI, 2013).

Essinger (2005), relatou que em junho de 1994 os principais jornais da Cidade Maravilhosa, traziam manchetes com reclamações de diversos moradores da Zona Sul da cidade, por conta do barulho ensurdecedor causado por eles. Para a surpresa desses moradores, “entre os frequentadores, havia muita gente do asfalto – se duvidar até seus próprios filhos adolescentes, que começavam a entrar de cabeça, coração e quadris naquele ritmo proibido” (p. 132). Herschmann (2005), corrobora afirmando “A garotada da Zona Sul, das camadas médias, literalmente ‘subiu o morro’.” (p. 174)

Com a tentativa de acabar com os atos violentos que aconteciam nos bailes, alguns cantores, começaram a gravar canções que incentivavam a paz nos bailes da cidade. A dupla Claudinho e Bochecha gravou a música “Barco da Paz”.

#### Barco da Paz

[...]

Eu sou a luz que não se apagou  
Galeras abram caminho que o mulá vai passar  
Todos no barco da paz, vamos juntos navegar  
Quero ver você, repicar na emoção  
Reviver momentos de prazer em um telão.  
Estilo diferente, nós viemos Ihe mostrar  
Exemplar com disciplina a alegria no ar  
Unir em grande arco sentir um novo prazer  
E fazer do baile funk um bom motivo pra viver  
Porque em todos os bailes, zuamos na moral  
O Salgueiro e a Coronel é um bamba legal  
Você precisa ver pra poder acreditar

[...]

No ano de 1995 surgiu, de forma avassaladora um novo estilo de *funk* o “*Funk Melody*”, com composições mais melódicas, onde em sua maioria abordavam temas mais

românticos. Ismael (2009), narra que nessa época, o *funk* chega a área nobre do Rio de Janeiro. Apareceram cantores como Claudinho e Bochecha, Mc Leozinho, Mc Marcinho, Cidinho e Doca dentre diversos outros.

Paralelo ao “*Funk Melody*” outro estilo desse ritmo, o proibidão, ganhou proporção junto ao povo mais carente. As músicas desse estilo de *funk*, costumavam ser cantadas somente nos bailes, tendo em vista que na maior parte das vezes, elas estavam vinculadas a certas facções criminosas.

“A partir do final do século XX, parte da produção do gênero foi completamente absorvida pela indústria fonográfica, desvinculando-se muitos das questões da identidade negra. Nesse conjunto, as temáticas centrais das músicas, especialmente as cariocas, passaram a girar em torno do sexo e do erotismo, e destacam-se MC’s como Tati Quebra-Barraco e Bonde do Tigrão, entre outros.” (HERMETO, 2012, p. 134)

O *funk* carioca vem ganhando cada vez mais adeptos, inclusive fora das fronteiras do Rio de Janeiro e até uma fama universal. Ismael (2009), destacou que o estilo musical ganhou fama internacional ao ser eleito uma das grandes sensações do verão europeu de 2005. Outro fato de tamanha importância para essa fama que ultrapassou as fronteiras brasileiras, foi o documentário europeu realizado com a cantora Tati Quebra-Barraco. No ano de 2013, para o delírio de muitos cariocas, a cantora americana Beyonce dançou o *funk* “Passinho do Volante”, do MC Federado e os Lokes em pleno Rock in Rio 2013, como foi informado pelo site G1.com.

Para Laignier (2008), “O *funk* conhecido como carioca é uma manifestação cultural de origem popular, e é também o nome de um gênero musical advindo desta cena.” (p. 97)

### **1.7.3 Vertentes do *Funk*.**

“Existe uma grande diferença entre os bailes de hoje e os da época “Black Rio” é o desaparecimento quase completo da temática do orgulho negro.” (VIANNA, 1987, p. 50)

Desde o seu surgimento até os dias atuais, o movimento *funk* vem crescendo e ganhado novos adeptos na Cidade Maravilhosa. O ritmo pode ser estudado com base em algumas temáticas, que possuem características bastante distintas.

Pablo Laignier (2013) em seus estudos elaborou essa divisão em 10 vertentes, sendo elas: Consciente, Proibidão, Pornográfico, Sensual, Irônico, Romântico, Consenso, Gospel, de Recado e Infantil. A explicação dessas vertentes, poderá ser lida por completo na tabela 10, que se encontra no anexo deste trabalho.

Diante das vertentes que Laignier (2013), apresentou em sua tese, optou-se por trabalhar somente com o *funk* proibidão, que será apresentado a seguir.

#### **1.7.4 *Funk* Proibidão.**

Para Essinger (2005), o *funk* proibidão é tocado nos bailes desde a década de 80, porém somente no ano de 1999 que os funkeiros<sup>8</sup> tomaram conhecimento dessa vertente que descrevia: “de forma realista e por vezes até entusiástica (ou mesmo apologética), histórias em que os traficantes impuseram seu poder contra os oponentes (policiais ou as facções criminosas rivais) e fizeram valer a sua lei.” (p. 229)

Diante de tais canções, tonava-se conhecido o *funk* proibidão.

A palavra proibidão remete necessariamente a uma divisão entre o autorizado e o não autorizado que perpassa em diversos níveis todas essas músicas e as vidas daqueles que as ouvem, produzem e interpretam. (NOVAES, 2016, P. 11)

Essa vertente vem narrando não só a realidade violenta das favelas, mas também vem fazendo alusão as facções criminosas, onde as letras quase sempre se posicionam a favor de uma delas. (NOVAES, 2016; LAIGNIER, 2013; PALOMBINI, 2013; MATTOS, 2006; ESSINGER 2005)

Segundo Laignier (2013), os cantores de *funk* não têm por intenção fazer alusões as facções que comandam as comunidades cariocas (CV<sup>9</sup>, TC<sup>10</sup> e ADA<sup>11</sup>). Muitos MC's consideram essa vertente como a descrição da realidade que vivem, como pode ser visto na fala do Mr. Carta:

---

<sup>8</sup> Nome dado as pessoas que curtem o estilo musical *funk*.

<sup>9</sup> Comando Vermelho.

<sup>10</sup> Terceiro comando.

<sup>11</sup> Amigos dos amigos.

“O proibidão é feito para ser cantado no baile. Não é uma apologia ao crime, mas um relato da minha comunidade. O *funk* nasceu na favela e infelizmente o tráfico também faz parte dela. A sociedade não está preparada para atender o proibidão, porque quem não sofre não dá valor ao sofrimento. Quem não vive no morro não sabe o que acontece lá.” (CATRA, apud ESSINGER, 2005, p. 235)

Em entrevista ao programa A Liga, da Rede Bandeirantes, o cantor de *funk* e empresário Mc Bio G3, afirmou que o estigma que o estilo musical carrega de ter a vertente proibidão é bastante pesado e é prejudicial aos cantores que não compõem essa vertente. Ele ainda afirma que existe uma associação onde os cantores do *funk* proibidão são criminosos.

Para Salles (2011), o primeiro *funk* proibidão a se tornar conhecido, foi uma paródia elaborada pelos MC's Cidinho e Doca, baseado no sucesso da cantora baiana Ivete Sangalo “Carro Velho”, que foi rebatizado como “Rap do Comando Vermelho”. Segundo Essinger (2005), o ano de 95 marcou o mundo do *funk*, com o surgimento de algumas canções que causaram bastante polêmica, como o “Rap das Armas”, composta pelos MC's Junior e Leonardo e regravada pela dupla Cidinho e Doca. Mesmo depois de gerar diversas polêmicas, o *funk* tornou-se trilha sonora do filme Tropa de Elite, em 2007.

### Rap das Armas

Parrapapapapá papá papá  
Parrapapapapapá papá papá  
Paparrá Paparrá Paparrá clack BUM  
Parrapapapapapa papá papá  
Morro do Dendê é ruim de invadir  
Nóis, com os Alemão, vamo se divertir  
Porque no Dendê vô te dizer como é que é  
Lá não tem mole nem pra DRE  
Pra subir aqui no morro até a BOPE treme  
Não tem mole pro exército civil, nem pra PM  
Eu dou o maior conceito para os amigos meus  
Mas Morro Do Dendê também é terra de Deus

[...]

Vem um de AR-15 e outro de 12 na mão  
Vem mais dois de pistola e outro com 2-oitão  
Um vai de URU na frente, escoltando o camburão  
Tem mais dois na reta-guarda, mas tão de Glock na mão  
Amigos que eu não esqueço, nem deixo pra depois  
Lá vem dois irmãozinhos de 762

Dando tiro pro alto só pra fazer teste  
De INA-Ingratek, Pisto-UZI ou de Winchester  
É que eles são bandido ruim, e ninguém trabalha  
De AK-47 e na outra mão a metralha  
Esse rap é maneiro, eu digo pra vocês  
Quem é aqueles cara de M-16  
A vizinhança dessa massa já diz que não aguenta  
Nas entradas da favela já tem.

Outro exemplo clássico dessa vertente é o *funk* “Bonde da Providencia (Rap Proibido 9)” do Mc Duduzinho, onde o cantor se posiciona ao lado do CV e mostra o pensamento dos componentes da facção quando os policiais invadem a favela. Na canção é retratado o orgulho de fazer parte da facção.

Bonde da Providencia (Rap Proibido 9)

Sem neurose, sem caô, muita fé no coração  
Barreira mete bala com tenção de rajadão  
Não adianta tentar, se brotar vai se fuder  
Conexão criminosa é CV e PCC  
Esse é o papo reto só cria braço nervoso  
Quadriha de guerrilheiro  
Xapa quente, quartel criminoso  
Tenta 3 cu, ou cu azul, brota na barreira toma de papum  
Mais na vida do crime o menor boladão, fumando maconha de g3 na mão  
(2x)

Sem neurose, sem cão, liberdade vermelho  
Esse é o bonde da barreira e o morro do turano  
Se liga comédia fudida RL é pureza e não fica de bob  
Nós quebra otário, vacilão, cagüete, safado, verme e X9  
Ouça bem o que eu te falo mano, vê se não esquece.  
[...]

Em seu estudo Laignier (2013), apresenta distinções entre as vertentes que ele classifica como Proibidão, Pornográfico e de Recado, porém autores como Salles (2011) e Novaes (2016), trazem definições que rotulam as três vertentes como Proibidão.

“O proibidão é uma vertente do *funk* que explora de forma demasiadamente explícita os temas da violência e do crime – inclusive com narrativas sobre os conflitos entre traficantes nas favelas, elogios a facções ou traficantes, exaltação do poder bélico de determinadas comunidades etc. – ou da sexualidade/erotismo, muitas vezes narrando, sem nenhum pudor, situações eróticas vividas ou desejadas pelos intérpretes.” (SALLES, 2011, p. 1)

“As categorias “proibido” e “proibidão” são frequentemente acionadas para fazer referência aos *funks* que abordam a temática da sexualidade de forma explícita – *funk* putaria – ou aos que produzem narrativas sobre o universo da criminalidade, tangenciando o cotidiano e as sociabilidades ligadas à noção de bandido.” (SALLES, 2011, p. 11)

## 1.8 Relações entre violência e consumo nas letras do *funk* proibidão.

Ao se fazer um levantamento histórico, é possível perceber que a violência ocorrida na sociedade não é nenhuma novidade, tendo em vista histórias narradas na Bíblia e em diversos momentos que marcaram a história mundial. Muitas sociedades consumiam da violência como forma de entretenimento (PINKER, 2007; ODALIA, 1985). Para elucidar tais atos, basta lembrar dos espetáculos apresentados no Coliseu, em Roma, que suportavam cerca 80 mil pessoas, o anfiteatro encontrava-se cheio em quase todas as sessões existentes onde diversos gladiadores se enfrentavam até restar um único vitorioso<sup>12</sup>.

O consumo da violência como entretenimento não é um mérito das sociedades da idade média. Nos dias atuais a violência ainda é bastante consumida de variadas formas, e uma delas é pelos meios de comunicação de massa. Pitanga (2005), afirma que os meios de comunicação de massa são os responsáveis por boa parte de entretenimento da atual sociedade. Em muitos desses meios, a exibição dessa violência acontece de forma natural. Porto (2002), afirma que eles “[...] não são diretamente responsáveis pelo aumento da violência e da criminalidade, seriam, quando menos, um canal de estruturação de sociabilidades violentas.” (p. 160)

Já Porto (2000), afirma que:

[...] o fenômeno da violência, transformado em produto, com amplo poder de venda no mercado de informação, e em objeto de consumo, fazendo com que a ‘realidade’ da violência passe a fazer parte do dia-a-dia, mesmo daqueles que nunca a confrontaram diretamente enquanto experiência de um processo vivido. A violência passa a ser consumida num movimento dinâmico em que o consumo participa também do processo de sua produção, ainda que como representação. Também como representação, multiplicam-se as categorias de percepção da violência. (p. 193)

---

<sup>12</sup> Informações retiradas do site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Coliseu> em 20 de dezembro de 2016.

Diversas músicas, enquanto entretenimento “estão repletas de mensagens violentas” (LEONARD e CABUSAS, 2010 p. 842), como pode ser observado em alguns exemplos já citados anteriormente. Podoshen (2014), em seu artigo exemplifica com a música “*Orkan*” do cantor irlandês Taake que contem narrações de violências contra os mulçumanos.

“*Para o inferno com Muhammad e os Maometanos [...] E seus costumes imperdoáveis [...]*”<sup>13</sup>

No *funk*, estilo musical escolhido para ser estudado nesse trabalho, não acontece de forma diferente, é cada vez mais comum a associação das letras que compõe esse ritmo com algumas formas de violência, como pode ser visto no artigo “Adolescência: a violência no baile *funk*” publicado na revista CES:

Inspirados em jovens de facções cariocas do tráfico de drogas, os grupos locais utilizam as letras das músicas para reforçar ódios e desavenças fomentados nos bailes. Gritos de guerra, ameaças explícitas, apologia ao crime fazem parte de um repertório que encontra eco no cotidiano destes meninos. (SANTOS; CASTRO; PIRES, 2007, p. 169)

Essinger (2005) afirma em seu livro “Batidão” que parte da violência, ocorrida nos bailes, se explica pela presença de público de facções criminosas diferentes. Quem faz parte do CV não aceita dividir o mesmo espaço com os componentes do Terceiro Comando e do ADA.

Muitos cantores de *funk*, trazem em suas letras diversos produtos, desde armas até casas e apartamentos. Por mais que esse fato ocorra com maior frequência no *funk* ostentação, outras vertentes já compuseram músicas desse tipo.

Pelo fato dos MC’s trazerem em suas letras produtos, que por diversas vezes não condizem com a realidade de seus consumidores, desperta a sensação de desigualdade, que tenta ser superada com a busca incessante do consumo destes produtos. Odalia (1985), afirma que “o ato rotineiro e contumaz da desigualdade entre homens, permitindo

---

<sup>13</sup> Traduzido do inglês: “To hell with Muhammad and the Mohammedans [...] and their unforgivable customs [...]



que alguns usufruem à saciedade o que à grande maioria é negado, é uma violência.” (p. 30).

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

“Tal música possui uma função social: o efeito principal da música é dar ao ouvinte o sentimento de segurança, pois ela simboliza o lugar onde nasceu, as alegrias de sua primeira infância, sua experiência religiosa, o prazer das práticas comunitárias, seu relacionamento amoroso e seu trabalho – algumas, ou todas aquelas experiências que constroem nossa personalidade.” (LOMAX 1981, apud BAUER e GASKELL, 2008 p. 376)

“A música é primariamente um evento sonoro temporal, por isso devemos conservar um registro dele, se o quisermos analisar.” (BAUER, 2008 p. 368)

#### 1.9 Tipo de pesquisa

Este estudo é de natureza qualitativa, descritivo e interpretativo, onde foram analisadas letras do *funk* proibidão.

#### 1.10 Formação do Corpus de Dados

“Os pesquisadores sociais têm a tendência de subestimar materiais textuais como dados. Os métodos de pesquisa passam por ciclos de moda e de esquecimento, mas a *World Wide Web* (www) e alguns arquivos on-line [...] criaram uma grande oportunidade para os dados em forma de textos.” (BAUER, 2008 p. 190)

Bauer e Aarts (2008), sugerem a realização dos procedimentos destacados por linguistas para montar o *corpus* de uma pesquisa “a) selecionar preliminarmente; b) analisar essa variedade; c) ampliar o *corpus* de dados até que não se descubra mais variedade.” (p. 55)

Para compor o corpus de dados, foram utilizadas 18 letras de *funk* proibidão, selecionadas a partir de buscas em canais do *YouTube*.

Para Cunha (2013), “o *YouTube* pode ser considerado um sistema cultural intermediado que faz parte do cenário contemporâneo da mídia de massa e tem influência sobre a cultura popular, com práticas que apresentam diversas possibilidades investigativas.” (P. 216)

A coleta seguiu o seguinte passo-a-passo:

1. Foram pesquisados no *YouTube* canais do *funk* proibidão. Com o intuito de refinar a pesquisa, optou-se por utilizar os que apresentavam um número superior que 10.000 inscritos, totalizando 5 canais (Tráfico dos Morros, O Coringa Vida Loka, Apologia *Funk*, Funkeiro Zona Sul e Tráfico nas ruas). Os canais citados apresentam características distintas.
2. Dentre os canais pesquisados, somente os “Tráfico dos morros” e “O Coringa Vida Loka” tinham suas *playlists* compostas apenas por músicas do *funk* proibidão. Os outros canais citados, apresentavam *playlists* diversas, que incluíam músicas de outras vertentes do *funk*. Optou-se por trabalhar com “O Coringa Vida Loka”, tendo em vista que o mesmo é o único canal que não faz alusão a uma única facção criminosa, diferentemente do canal “Tráfico dos morros” que é composto por músicas exclusivas do Comando Vermelho.
3. Uma vez selecionado o canal, optou-se por criar uma planilha no *Excel* com as seguintes informações: título da música, quantidade de *likes* e data da visualização. Após a montagem dessa tabela, foram selecionados os *funks* com maior número de curtidas, o que nos permitiu chegar ao número de 18 canções.
4. Diante do título de cada *funk*, começou a busca por suas letras. Algumas foram retiradas de sites relacionados a música, tais como [www.vagalume.com.br](http://www.vagalume.com.br) e [www.letras.com.br](http://www.letras.com.br), e outras tiveram que ser transcritas a partir de vídeos no *YouTube*.
5. As letras foram salvas em um documento formato RTF, e exportadas para o *software* Atlas.ti.

Para Bauer (2008), “As tentativas de considerar a música e o ruído devem pressupor uma relação sistemática entre os sons e o contexto social que os produz e os recebe.” (BAUER, 2008 p. 366)

Para Bauer (2008) um *corpus* de texto pode apresentar distintas interpretações, onde tudo estará sujeito aos vieses contidos neles. (p. 191)

O *corpus* dessa pesquisa foi composto pelas seguintes letras:

**Tabela 2 - Relação do corpus da pesquisa**

<b>Música</b>	<b>Título</b>	<b>MCs (Mestre de Cerimônia)</b>
<b>1</b>	Rap das armas	MC Cidinho e Doca
<b>2</b>	As mais foda do PCC	Não identificado
<b>3</b>	Assalto a banco	MC Dinho da VP
<b>4</b>	Herói ou vilão	MC Orelha
<b>5</b>	O general chegou	MC G3
<b>6</b>	Era mais um Guerreiro	MC Dudu do Borel
<b>7</b>	A quebrada tá assim	MC Daleste
<b>8</b>	Fuzil banhado a ouro	MC Dinho da VP
<b>9</b>	A rebelião	MG G
<b>10</b>	Tá tranquilo C.V	MC Orelha
<b>11</b>	Dom dom dom	MC Dinho da VP
<b>12</b>	É o bicho	MC Dinho da VP
<b>13</b>	Montagem dos maconheiros	MC magrinho e MC Bin Laden
<b>14</b>	Bala na Dilma sapatão	MC Vitinho
<b>15</b>	Virei bandido	MC Orelha
<b>16</b>	Eu sou favela	MC Juninho da 10
<b>17</b>	Antares só tem vagabundo	MC Juninho da 10
<b>18</b>	Motoboy que passou a visão	MC Juninho da 10

**Fonte: Elaboração própria a partir das letras coletadas.**

### **1.11 Métodos de análise dos dados**

Para esta etapa, optou-se por analisar os dados coletados por meio de uma Análise de Discurso – AD, que foi definida por Gill (2008) como...

(...) uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso (...) é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado. (GILL, 2008 p. 266)

Um dos objetivos da AD é identificar as funções, ou atividades, da fala e dos textos, e explorar como eles são realizados. (Gill, 2008 p. 250)

Segundo Gill (2008), para a realização de uma AD, é de extrema importância o questionamento dos nossos próprios pressupostos e como costumamos dar sentido as coisas. Gill (2008), ainda afirma que os analistas precisam entender o discurso como uma prática social.

A análise foi realizada pautada nas teorias apresentadas no segundo capítulo desse trabalho, tais como a violência representada de Sodré (2002) e a violência subjetiva

apresentada por Zizek (2014), nas letras do *funk* proibidão. Essa análise não teve como intenção a interpretação das letras coletadas, mas uma análise mais profunda das intenções do discurso que é, por definição, circunstancial. (BARROS, 2006 p. 75).

Thiry-Cerques (2008), destaca a fala de Foucault reafirmando que devemos buscar no discurso a profundidade à amplitude. (p. 218).

Por meio da AD buscou-se uma resposta para a pergunta que foi o cerne dessa pesquisa: “Com que funções enunciativas, objetos relacionados a violência subjetiva aparecem nas letras do *funk* proibidão? ”

Para a realização desse tipo de análise (AD), é de extrema importância a visão de que um enunciado pode apresentar variadas interpretações. (OLIVEIRA e LEÃO, 2014)

Optou-se por realizar uma análise das funções enunciativas presentes nas canções analisadas. Baseado em Foucault, Leão (2014), afirma que: “(...) um enunciado nem sempre quer dizer a mesma coisa, mas é dependente do contexto em que é dito, em que as condições do exercício da função enunciativa são sempre determinadas no tempo e no espaço.” (LEÃO, 2014 p. 95) Tendo como exemplo a fala “Sente! ”, avaliar essa sentença de forma aleatória, pode nos trazer observações errôneas das possíveis funções que esse enunciado exerce nessa fala. Faz-se necessário a prévia de um conhecimento mais profundo das condições que circundaram essa fala. Torna-se inútil a busca do enunciado diante de grupamentos unitários de signos. (FOUCAULT, 2008)

Baseado na obra de Foucault “A arqueologia do saber” Gonçalves (2009), afirma que para a realização da análise discursiva, é importante seguir dois passos. Primeiramente é importante fazer um levantamento dos atos discursivos, para somente, em um segundo momento, sistematizá-los e descrevê-los, permitindo classificar as funções enunciativas presentes nas letras coletadas. Para a realização desse levantamento, optou-se por trabalhar, especificamente, com menções tanto a marcas, quanto a categorias de produtos, com a finalidade de saber de que forma esses produtos e essas marcas estão presentes em letras de música que apresentam a violência de forma naturalizada.

Com o intuito de facilitar a análise de dados foi utilizado o software Atlas.ti 7.0, que permitiu a codificação de pequenos trechos nas músicas, chegando a um total de 76 códigos. Esses códigos surgiram logo após a inserção das 18 letras que compuseram o corpus desse estudo. Muitos dos fragmentos codificados, receberam pequenas anotações (Memos), que serviram para auxiliar e compreender questões da cultura *funk*. O *software* nos permitiu criar grandes famílias que agruparam as funções enunciativas existentes nos códigos já determinados, e perceber a relação existente entre eles.

A primeira etapa dessa análise, fora realizada com base nas seguintes categorias *a priori*: estado de violência, ato de violência, consumo, marcas, categorias de produtos poder e fazer pouco do outro/descaso. As definições constitutiva e operacional (VIEIRA, 2004) de cada categoria *a priori* podem ser vistas na Tabela 3.

**Tabela 3 - Definições Constitutivas e Operacionais das categorias a priori**

<b>Categoria a priori</b>	<b>Definição constitutiva</b>	<b>Definição operacional</b>
Estado de violência	Seria aquela que é manifestada por meio de uma percepção contínua e constante de insegurança. (SODRÉ, 2012).	Expressões denotando percepção contínua de insegurança. Ex.: pessoa que tem medo de passar por certo local, pelo fato de nesse ocorrerem diversos atos violentos.
Ato de violência	Inscribe-se nesse campo como ato de violência, em que implica os crimes de morte, os assaltos, os massacres e outras variantes (SODRÉ, 2002 p. 16), podendo ele ser percebido ou não.	Referências que carregam em seu bojo a violência. Ex.: assassinatos, roubos / furtos, chacinas, agressões, preconceitos (ligados a raça, gênero, crenças, etc.), depredações, pichações etc.
Consumo	O consumo é industrialmente alimentado, comercialmente necessitado e sistematicamente estimulado [...] em outras palavras, é um mecanismo institucionalizado pelas necessidades de um tipo de sistema social. (DIAS, 2014 p. 123)	Referências a consumo de bens, serviços, pessoas e lugares.
Poder	Formas de dominação que resultam em desigualdade e injustiças sociais. (DIJK, 2008 p. 10)	Expressões que evidenciam o exercício de poder que uma pessoa exerce sobre outra (s). Ex.: “Nosso bonde é guerrilheiro comandando as favelas”.
Empoderamento	Conquista, avanço e superação por parte daquele que se empodera [...] tais ações levam a evolução e ao fortalecimento. (STRECK <i>et al</i> , 2010 <i>apud</i> Freire)	Expressões que são utilizadas de marcas e categorias de produto como forma de fortalecimento de uma pessoa ou um grupo. Ex.: “Vem um de AR-15 e outro com 12 na mão”
Categoria de produto	Uma classe de produto é um agrupamento de produtos do mesmo gênero e característica, que geralmente podem ser substituíveis entre si. Uma classe de produto é considerada restrita ou abrangente dependendo de quão adequados os produtos forem. ( <i>American Marketing Association - AMA</i> )	Expressões que destaquem categorias. Ex.: “Com <u>caminhão</u> de sardinha”, “Se os vacilão brotar, o <u>fuzil</u> vai cantar”.
Marca	É um nome, termo, símbolo, desenho - ou uma combinação desses elementos - que deve identificar os bens ou serviços de uma empresa ou grupo de empresas e diferenciá-los da concorrência. (KOTLER, 2000 <i>apud</i> AMA, 2006)	Foram extraídos de trechos que faziam menções a marcas. Ex.: “Chave no contato liga o Veloster a quadrilha já tá reunida. Vai na contenção o Cobalt e o i30”, “Um aviso eu vou dar então fica ligado, somos FDN e CV lado a lado”, “Aqui no Antares só tem vagabundo”, “De INA-Ingratek, Pisto-UZI ou de Winchester”.

**Fonte: Elaboração própria. A partir das categorias constitutivas e operacionais de Vieira (2004).**

Diante da análise realizada, optou-se por realizar uma nova apreciação, de forma mais aprimorada tendo como finalidade identificar as funções enunciativas presentes em

cada um dos trechos previamente selecionados. Chegou-se ao número de 5 funções enunciativas que podem ser explicadas na tabela 4.

**Tabela 4 - Funções enunciativas**

Nomes	Definição
Autoafirmação	Descrição onde uma pessoa ou um grupo realizam uma autoafirmação com o intuito de mostrar algo a alguém.
Descrição de estado	Descrição da forma como uma pessoa, instituição, ou objeto se encontram, mesmo que haja ação, ela é descrita, como um estado, mas não como uma ação que tem um desenrolar dramático claro.
Aviso	Descrição para um outro de algo que pode acontecer no futuro e afeta esse outro.
Descrição de condição	Descrição que apresentam condições, de vida ou da forma como uma pessoa/grupo se encontra.
Declaração de união	Descrição de irmandade existente entre pessoas ou grupos.

**Fonte: Elaboração própria, a partir das funções enunciativas utilizadas para análise.**

Uma vez entendidas essas funções enunciativas, buscou-se perceber as formações discursivas que cada um dos componentes do enunciado representa no interior do discurso. Essas formações discursivas estão representadas na tabela 5.

**Tabela 5 - Formações discursivas**

Nome	Definição
É nós	Relata que algo foi desenvolvido por um grupo.
Empoderamento	Circunstâncias onde uma pessoa ou um grupo, atribuem poderes a si próprio.
Esse sou eu (ele)	Situações que ajudam no traço da identidade de um indivíduo/grupo.
Estamos prontos	Indícios que apresentem um estado de prontidão.
Intimidação	Situações onde haja uma convocação, que provoque um sentimento de medo.
Nós somos o máximo	Ocorrências que relatem qualquer forma de exaltação de uma pessoa/grupo.
Nossa vida é assim	Circunstâncias que apresentem o sentimento de conformidade.
Vacilou, perdeu	Situações geradoras de condições, relatando os danos que alguém pode sofrer pela falta de atenção referente a algum assunto.
Valeu brother	Casos que relatam gratidão.

**Fonte: Elaboração própria, a partir das funções enunciativas.**

As formações discursivas apresentadas acima, podem representar mais de uma função enunciativa. Como pode ser observado na tabela 6.

**Tabela 6 - Funções enunciativas x Formações discursivas**

		Funções Enunciativas				
		Declaração de união	Autoafirmação	Descrição de estado	Descrição de condição	Aviso
Formações discursivas	Valeu <i>brother</i>	Esse sou eu (ele)	Esse sou eu (ele)	Vacilou, perdeu	Vacilou, perdeu	
	Estamos prontos	Nós somos o máximo	Nossa vida é assim	Nós somos o máximo	Estamos prontos	
	É nós	Intimidação	Nós somos o máximo			
	Empoderamento	Estamos prontos				
	Esse sou eu (ele)					

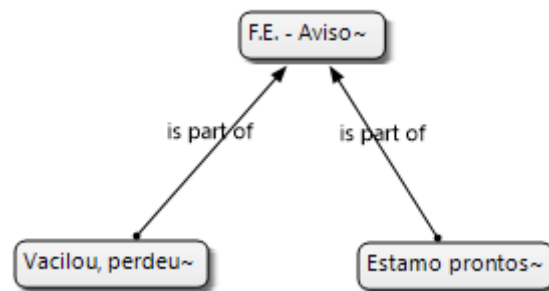
**Fonte:** Elaboração própria, a partir das definições de funções enunciativas e formações discursivas.



## 4. ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 Função Enunciativa "Aviso"

Imagem 2 - Família Função Enunciativa "Aviso"



Fonte: Imagem elaborada do *software* Atlas.ti 7.0

A função enunciativa "Aviso" engloba todos os enunciados em que formas de aviso foram identificadas. Partiu-se do princípio de que um aviso é algo dito para um outro a respeito de algum evento futuro que afete esse outro. Tais avisos podem ser de natureza positiva - avisando sobre algo bom que vai acontecer - ou negativa - avisando sobre um perigo ou infortúnio, por exemplo.

Foram encontradas duas narrativas diferentes de aviso nas letras de *funk*, denominadas aqui de maneira a elicitar de forma tão clara quanto possível sua natureza. São elas: (i) "vacilou, perdeu" e, (ii) "estamos prontos".

#### 2.4.1 "Vacilou, perdeu"

Esta formação discursiva engloba não apenas descrições de atos de violência como também de estado de violência. Veja os trechos abaixo: não

Ato de violência:

*"E se mexer com nós  
(A bala come) (ratatatata)  
O bonde de Osasco mete bala até nos Homi"*

Estado de violência:

*"No meu tempo nós olhava para os dois lados da rua pra não ser atropelado  
Hoje em dia  
Nós olha pros dois lados da rua pra não levar um tiro na cara  
Tá ligado?"*

Em algumas letras, o estado de violência se revela através de avisos de caráter moral, como pode ser visto nos trechos abaixo:

*"Tá embaçado e a molecadinha não tá querendo estudar  
E algo me diz que isso ainda pode piorar"*

*"Tu pensa que tu domina a droga, mas a droga que vai te dominar"*

Embora as músicas sejam uma forma de comunicação de agentes violentos como as facções criminosas, esses trechos indicam que há um senso moral presente. No caso do segundo trecho acima, vê-se que o produto que justifica a existência das facções - a droga - é tratada como algo ruim, ao qual não se deve ceder o controle.

Os produtos e marcas presentes nessa forma discursiva incluem armas como a bazuca, o caixão, o fuzil, ou a pistola. Sobre marcas, aparece apenas a marca de fuzil AK47.

#### **2.4.2 "Estamos prontos"**

Nesta forma discursiva aparecem avisos que incorporam histórias de prontidão ou alerta. Entre os três trechos classificados nesta categoria de forma discursiva e função enunciativa, dois deles trazem o nome de marcas de armas ou de uma facção criminosa.

*"Ta planejado o assalto a banco chama logo meu mano pivete  
Não pode esquecer o ak 47"*

*"Pega a pistola carrega os pente e o fuzil 762  
Pronto pra atirar nós não deixa pra depois  
Entramo no banco chegamo enquadrando"*

*"escute o que eu vo te dizer  
Sou Mc Vitinho sou CV até morrer  
Pixote mandou avisar, mandou dizer  
quero ver quero ver instalar a UPP."*

Estas formas discursivas mostram as armas, nomeadas em suas marcas, como mediadores dos agentes de violência, e como objetos que consubstancializam a prontidão.

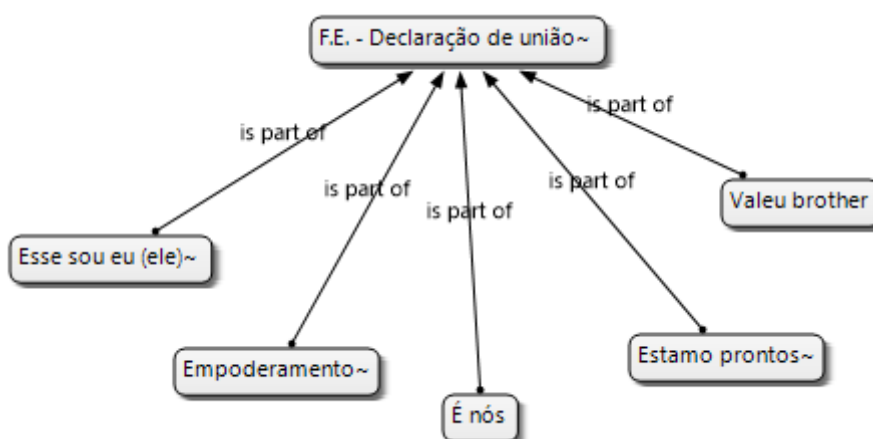
No caso da menção à facção criminosa, ela indica a identidade do agente violento como membro do grupo mencionado.

#### 4.2 Função Enunciativa “Declaração de União”

Na função enunciativa “União”, encontram-se enunciados onde declarações de irmandade foram identificadas. Essas declarações de união podem servir para: mostrar a forma de trabalho de um grupo, relatar o grau de amizade existente entre os membros desse grupo ou, até mesmo, como forma de agradecimento.

Na análise dessa categoria, foram identificadas cinco formações discursivas, que foram classificadas da seguinte forma: (i) “Valeu *brother*”, (ii) “Estamos prontos”, (iii) “É nós”, (iv) “Empoderamento”, e (v) “Esse sou eu (ele) ”.

Imagem 3 - - Família Função Enunciativa “Declaração de união”



Fonte: Imagem elaborada do *software* Atlas.ti 7.0

#### 2.4.3 “Valeu brother”

Constatou-se que essa forma discursiva fora utilizada em forma de agradecimento, àqueles que, por diversos momentos se fizeram presentes na vida do locutor.

No trecho abaixo, retirado da canção “A quebrada tá assim”, Mc Daleste realiza agradecimentos, tanto a pessoas quanto a favelas que sempre o apoiaram, desde o começo de sua carreira.

*“Essa última parte eu vou mandar pros aliados  
Que no começo acreditou em mim, Jaú, Vila do sapo  
Diego Mineirinho, Ceará, Apagão, três relíquias do Carrão  
Beto, Lulu, Carlinhos Gavião, Cesinho olha a vibe de tensão (...)  
Mas o salário meu irmão, não dá pra nada não  
Porque o Italoco do Jaú mandou um recado”*

As marcas que se fazem presentes nessa forma discursiva, resumem-se às favelas presentes no trecho em destaque “Jaú”, “Vila do Sapo”, e “Italoco”, todas localizadas na Zona Leste de São Paulo.

#### **2.4.4 “Estamos prontos”**

Dentre os trechos encontrados nessa formação de discursiva, dois fazem referências a facções criminosas (marcas), sempre demonstrando algum tipo de prontidão.

No primeiro caso, retirado da canção “Bala na Dilma Sapatão” o locutor declara sua inacabável parceria com o Comando Vermelho.

*“Sou Mc Vitinho sou CV até morrer”*

Em outro trecho, retirado na canção “A rebelião”, é narrado a rebelião, que resultou na decapitação de 60 detentos no Complexo Penitenciário Anísio Jobim, maior presídio do Amazonas. A frente dessa rebelião, encontravam-se traficantes do C.V. (Comando Vermelho) juntamente com integrantes da FDN (Família do Norte), que visavam o extermínio dos traficantes que pertencessem a facção paulista PCC (Primeiro Comando da Capital).

*“Um aviso eu vou dar então fica ligado  
Somos FDN e CV lado a lado”*

No terceiro e último trecho que compõe a formação discursiva “Estamos pronto”, são utilizados personagens da ficção (vilões), proporcionando características de identificação desse grupo. O trecho apresenta uma sensação de medo, ao descrever o que Sodré (2012) classifica como um estado de violência.

*“Não é filme de terror mas é daquele jeito  
Tem o Fred Krugger que é parceiro do Jason  
O Coringa e a Arlequina  
Pode pá que ta com nós  
Aqui só tem vilão chapa quente que destrói”*

A canção “Dom Dom Dom? Aqui é pá pá pá”, apresenta um discurso que descreve a realidade de uma favela. No trecho destacado acima, antes de utilizar os personagens da ficção como referências, fora utilizado a expressão "daquele jeito", que apresenta uma forma anarquista de viver, forma essa que ajuda a aumentar o terror que nos remete a percepção de um estado de violência.

#### **2.4.5 “É nós”**

Nessa formação discursiva surgiram declarações de união entre favelas e facções.

*“O Comando é um só tá daquele jeito  
Representa FDN junto ao CV”*

*“Liberdade tá ligado, para todos os irmão.  
É o Bonde da Nova Holanda, e os cria da Pesadão.”*

No trecho citado abaixo, além de mostrar a irmandade entre os componentes da facção, as armas aparecem como forma de qualificar o grupo que as utiliza.

*“Vem um de AR-15 e outro de 12 na mão  
Vem mais dois de pistola e outro com 2-oitão  
Um vai de URU na frente, escoltando o camburão  
Tem mais dois na reta-guarda, mas tão de Glock na mão  
Amigos que eu não esqueço, nem deixo pra depois”*

Algumas marcas se fizeram presentes nessas formações discursivas, tais como: FDN, CV e a favela Nova Holanda. Todas essas marcas ajudam o provimento do estado de violência que cercam essas canções.

#### 2.4.6 “Empoderamento”<sup>14</sup>

Partindo do entendimento que o empoderamento é a forma como uma pessoa (ou um grupo) atribui poderes a si próprio, sempre tendo como intenção a busca de um fortalecimento. Marcas e as categorias de produtos citadas no trecho abaixo, ajudam a promover esse conceito.

*“Vem um de AR-15 e outro de 12 na mão  
Vem mais dois de pistola e outro com 2-oitão  
Um vai de URU na frente, escoltando o camburão  
Tem mais dois na reta-guarda, mas tão de Glock na mão  
Amigos que eu não esqueço, nem deixo pra depois”*

No trecho citado acima, as armas aparecem como forma de qualificar o grupo que as utiliza. Encontram-se presentes: a marca do fuzil AR-15, uma Escopeta calibre 12, a submetralhadora brasileira URU e a pistola Glock.

#### 2.4.7 “Esse sou eu (ele)”

Ainda existem formações discursivas apresentando características que, de alguma forma, ajudam na construção da identidade do indivíduo. Nos três trechos em destaque, essas identidades são traçadas por meio: de uma facção criminosa (CV), ou por favelas (Penha, Cangaíba, Nova Holanda).

*“Sou da família pobre loco da quebrada da Penha  
Cangaíba, Jaú, amigo, você sabe que é encrenca  
Levo no coração a união de passar adiante”*

*“Sou Mc Vitinho sou CV até morrer”*

*“Liberdade tá ligado, para todos os irmão.*

---

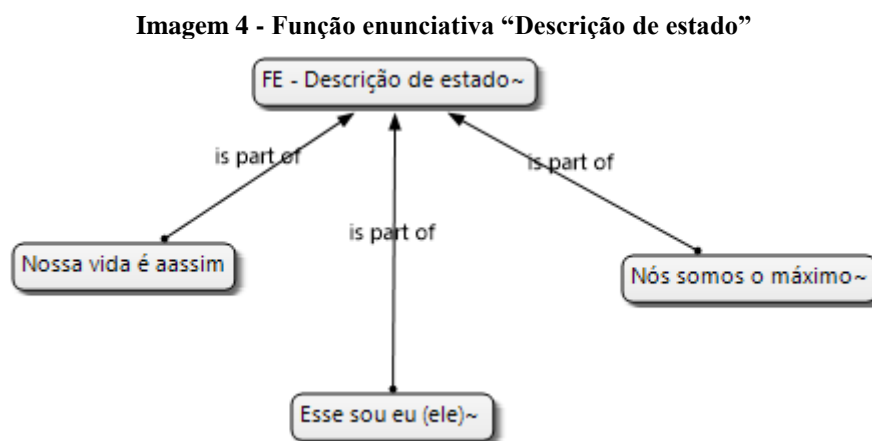
<sup>14</sup> O termo que atualmente está em evidência, e é muito empregado pelo movimento das feministas, foi criado pelo educador, pedagogo e filósofo Paulo Freire, baseado na palavra da língua inglesa *empowerment*. Essa terminologia foi aportuguesada (GUARESCHI, 2013 p. 156), tendo em vista que sua tradução significa fortalecimento. Valoura (2011) afirma que para Paulo Freire, “a pessoa, grupo ou instituição empoderada é aquela que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que a levam a evoluir e se fortalecer.” (p. 22) Para Guareschi (2013) o verdadeiro e autêntico empoderamento acontece à proporção que um indivíduo vai assumindo “consciência das amarras vitais – tanto psicológicas, como materiais – que o aprisionam.” (p. 156).

*É o Bonde da Nova Holanda, e os cria da Pesadão.*”

## 2.5 Função enunciativa “Descrição de estado”

Entende-se por essa função enunciativa descrições da forma como uma pessoa, instituição, ou objeto se encontram, mesmo que haja ação, ela é descrita, como um estado, mas não como uma ação que tem desenrolar dramático claro.

Três formações discursivas se fizeram presentes na análise dessa categoria. São elas: (i) Esse sou eu (ele), (ii) Nossa vida é assim, (iii) Nós somos o máximo.



**Fonte: Imagem elaborada do software Atlas.ti 7.0**

### 2.5.1 “Nós somos o máximo”

Os discursos que compõem essa formação discursiva carregam notoriamente questões violentas. Percebe-se, não apenas atos violentos, mas também um estado de violência, como são mostrados nos trechos abaixo.

Ato violento:

*“Quando toca essa os mano fica empolgado  
Saca as pistola e dá vários tiros pro alto (parararara)”*

Estado de violência:

*“É que eles são bandido ruim, e ninguém trabalha  
De ak-47 e na outra mão a metralha”*

*“Respeito, bota o respeito aos irmão que é fechamento  
Aqui só os terrorista pesadão nesse momento  
Armamento de pistola, de 12 e de granada”*

Tipos e marcas de armas são as principais ferramentas na promoção da violência, seja ela representada por um ato ou um estado.

Em ambos os trechos que expressam um estado de violência, os protagonistas das canções (bandidos e terroristas) fazem questão de elucidar o quão grande é a força de suas facções e o tamanho do poder bélico que eles detêm, sempre atribuindo grande enfoque as marcas de suas armas (AK-47, granada e Escopeta de calibre 12). No “Rap das armas” a evidência se torna mais clara pelo fato de um único bandido estar portando, simultaneamente, uma AK-47 e uma metralhadora.

### **2.5.2 “Esse sou eu (ele)”**

Na formação discursiva em destaque existem trechos que esclarecem a forma como os protagonistas das canções se encontram. Nos dois fragmentos citados abaixo, marcas (Favela da Penha e novamente o fuzil AK) são utilizadas como forma de representar o estado como vivem e ao mesmo tempo funcionam como objetos que ajudam a identifica-los.

*“Sou da família pobre loco da quebrada da Penha”*

*“Olha o moleque crescendo procurando emprego, mas sem encontrar  
Olha dois ano depois o moleque no morro portando um AK”*

Em outras letras a afirmação de como esses bandidos são identificados, acontecem por meio de atos violentos, que por diversas vezes aparecem juntamente a uma questão moral para justificar a frieza deles.

*“Então tudo isso foi com a minha luta fui conquistando no dia a dia, metendo bala na polícia, roubando quentinha matando quem aparecia na minha frente. E assim fui conquistando... Hoje o que eu tenho foi com meu suor. Não devo nada a ninguém satisfação a ninguém...”*



*“O cara eu até cheguei a começar no sofrimento, trabalhei sofri a pampa. Perdi meu irmão com 14 anos, na época, e quando encontrei meu irmão tava morto sem olho, sem cabeça, em decomposição, tive que pegar o corpo do meu irmão no colo  
E aquilo ali já construiu um pedaço de muro no meu coração  
Não tinha mais amor pra ninguém pra nada”*

### **2.5.3 “Nossa vida é assim”**

Nessa formação discursiva encontram-se experiências que evidenciam um sentimento de “acomodação” na forma como bandidos conduzem suas vidas, onde esse sentimento é explicado por uma questão moral, o sustento de sua família.

“Ser bandido”, em algumas canções, faz referência a uma profissão. No trecho apresentado abaixo, esse “profissional” mostra que mesmo em seu lazer (fumar maconha), está atento ao seu trabalho com sua espingarda alemã *Gewehr 3* nas mãos.

*“Vida loca correria  
Dia e noite, noite e dia  
Em busca do dinheiro  
Do sustento da família  
100% boladão  
Pura disposição  
Os menor fuma maconha  
Com o seu g3 na mão”*

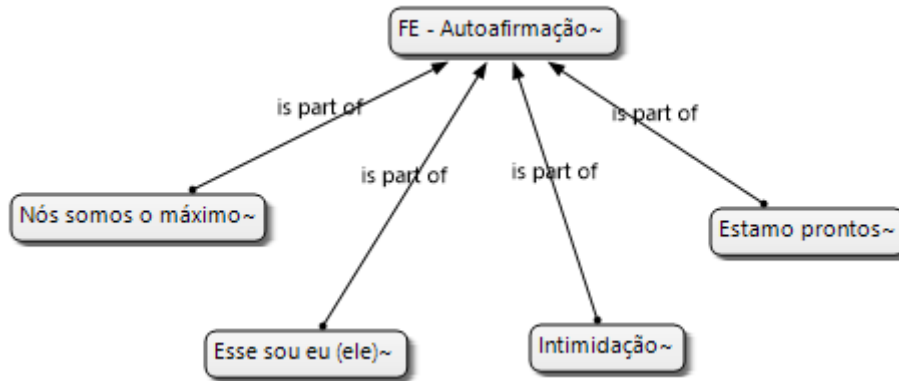
O termo “Vida loca” faz referência ao modo como os bandidos conduzem suas vidas.

## **2.6 Função enunciativa “Autoafirmação”**

A função enunciativa “Autoafirmação” compreende os enunciados que contemplem autodescrições, podendo ser de uma única pessoa, ou de um grupo; ou até mesmo uma tentativa de se posicionar diante de fatos com o propósito de aceitação.

(i) Esse sou eu (ele), (ii) Nós somos o máximo, (iii) Intimidação, e (iv) Estamos pronto, foram as quatro formações discursivas encontradas como forma de autoafirmação nesta função enunciativa.

**Imagem 5 - Família função enunciativa “Autoafirmação”**



**Fonte: Imagem elaborada do software Atlas.ti 7.0**

### 2.6.1 “Intimidação”

Essa formação discursiva compreende a violência segundo as perspectivas apresentadas do Sodré (2002), no capítulo 2, onde elas são apresentadas por meio de um estado ou por meio de um ato. Ora essa intimidação ocorre devido à realização de um ato violento, ora por meio de um estado de violência.

Ato violento:

*“Fura colete estoura geral tu pode pá que o bonde destrói”*

Estado de violência:

*“Morro do Dendê é ruim de invadir  
Nóis, com os alemão, vamo se divertir  
Porque no Dendê vô te dizer como é que é  
Aqui não tem mole nem pra DRE  
Pra subir aqui no morro até a BOPE treme  
Não tem mole pro exército civil, nem pra PM”*

*“Se precisar o gatilho vou apertar  
Sou do bloco do trem bala  
Que não deixa a desejar”*

Em algumas canções nota-se o estado de violência sendo exercido em forma de prontidão, como fora descrito nos trechos destacados abaixo:

*“escute o que eu vo te dizer  
Sou Mc Vitinho sou CV até morrer  
Pixote mandou avisar, mandou dizer  
quero ver quero ver instalar a UPP.”*

*“Nóis marola quando pode  
só de Red Bull com Whisky  
Pode até pacificar  
mais a volta vai ser triste”*

Os discursos dessa formação discursiva funcionam, em muitos casos, com o propósito de estabelecer total presteza ao seu grupo. Em alguns trechos os locutores fazem referências as suas facções com cognomes criados para identificar aquele grupo em específico, como acontece no exemplo acima que se utiliza a expressão “bloco do trem bala”, fazendo alusão ao Comando Vermelho.

Nessa formação discursiva, os produtos: bazuca, pistola, granada, munição e whisky foram mencionados. Quanto as marcas: CV, FDN, PCC, Escopeta calibre 12 e *Red Bull*. Tantos os produtos mencionados acima quanto as marcas atuaram como forma de intimidação a alguém ou algum grupo.

### **2.6.2 “Nós somos o máximo”**

Em variados trechos a formação discursiva “Nós somos o máximo”, surgem para promover o poder que exercido, como é o caso do Comando Vermelho que utiliza uma autodescrição para impor medo e respeito.

*“Isso é primeiro comando  
Disposição pra dar e vender”*

Existem casos onde a função enunciativa “Autoafirmação”, aparece denotando status, e carrega consigo justificativas que ajudam descrever o funcionamento de um grupo, grupo esse que é detentor de certo poder, e os utiliza como forma de obter status, conforme narrado na música “Antares só tem vagabundo”.

*“E as mulher se ilude com nosso poder, com nosso dinheiro  
E elas vem tudo pra cá, tudo conhece o nosso mundo*

*Sabe por que?  
Porque a mistura perfeita é o crime com a putaria  
Chama as novinha pra rolar orgia  
Na sabedoria aqui nós banca tudo  
Aqui no antares só tem vagabundo”*

Existem ainda algumas letras quem apresentam discursos, além de violentos, machistas. Nessas canções a ideia consiste sempre em desmerecer a mulher e exaltar o homem como um “macho”.

*“Sou do bonde do serrão e mando recado pra tu  
Safado nós mete bala, piranha meto o piru”*

### **2.6.3 “Estamos prontos”**

Nessa formação discursiva, ao mesmo tempo que o personagem da canção executa uma autoafirmação, ele apresenta uma prontidão, disposto a fazer o que preciso for por seu grupo. Essa prontidão, em todos os casos, vem acompanhada de um estado de violência.

*“Da CDD a AL só tem terrorista  
Mete as peça na mão  
E chapa quente na pista”*

*“Pode pá que tá com nós  
Aqui só tem vilão chapa quente que destrói”*

*“Se precisar o gatilho vou apertar  
Sou do bloco do trem bala  
Que não deixa a desejar”*

### **2.6.4 “Esse sou eu (ele)”**

Pertencer ao Comando Vermelho (aqui chamado de trem bala), é uma das características que ajudam a traçar a identidade do protagonista da música “Virei bandido”, como pode ser observado abaixo.

*“Se precisar o gatilho vou apertar  
Sou do bloco do trem bala  
Que não deixa a desejar”*

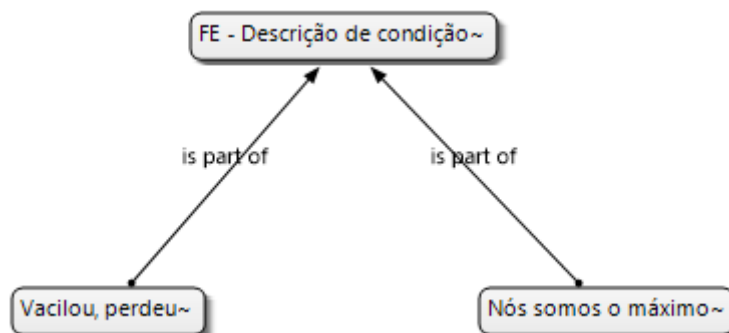
Mc Orelha relata os motivos que fizeram o personagem dessa canção iniciar na vida do tráfico. Ora esse relato se mostra com orgulho, ora com arrependimento, porém em momento algum pertencer ao “bloco do trem bala” apresenta uma conotação negativa.

## 2.7 Função enunciativa “Descrição de condição”

Descreveram-se nessa função enunciativa, os discursos que apresentam em seu escopo situações que narram algum tipo de condição, ou o relato das circunstâncias que fizeram com que alguém se encontrasse em uma determinada situação.

Foram encontradas duas formações discursivas que compuseram essa função enunciativa. São elas: (i) Vacilou, perdeu, e (ii) Nós somos o máximo.

**Imagem 6 - Família função enunciativa “Descrição de condição”**



Fonte: Imagem elaborada do *software* Atlas.ti 7.0

### 2.7.1 “Vacilou, perdeu”

Em sua maioria, os trechos apresentados nessa formação discursiva, apresentam uma condição cuja as consequências sucedem uma violência, sempre descrevendo um estado de violência, como pode ser visto abaixo no trecho da canção “Antares só tem vagabundo.”

*“Ninguém cobre vacilação deu mole destino é sem caixão”*

Assim como foi relatado na função enunciativa “Aviso”, nesta também existem condições onde o estado de violência se revela por meio de questões morais.

*“No meu tempo nós olhava para os dois lados da rua pra não ser atropelado  
Hoje em dia  
Nós olha pros dois lados da rua pra não levar um tiro na cara”*

### **2.7.2 “Nós somos o máximo”**

Contidos nessa formação discursiva, encontram-se formas de relatar o “poder” exercido por bandidos, onde em muitas ocasiões esse “poder” se faz presente ao estabelecer certa condição a alguém. O trecho abaixo exemplifica esse sentimento (ser o máximo), e em forma de recompensa, motos (BCX e *Honda Bis*) são ofertadas às mulheres que se enquadraram nas condições preestabelecidas “dar prazer”.

*“O chefe joga sujo  
Nóis te tira do lixo e te coloca no luxo  
E se saber me dar prazer te deixo tão feliz  
Nóis patrocina bcx ou então honda bis”*

Em algumas músicas a formações discursiva “Nós somos o máximo” se apresentam em forma de ameaça, podendo ser destinada a policiais ou a bandidos de facções rivais.

*“Nóis gosta da paz  
Nóis nunca fugimo das guerra  
Seu polícia seu peidão  
vocês tudo pagano pau  
Pode vim manda exercito  
Até a força nacional”*

Esse sentimento de engrandecimento, por muitas vezes se faz presente pela tentativa de desdenho do outro, nesse caso o policial, como relatado no caso acima ao afirmar que o mesmo é “peidão”<sup>15</sup>, e está envolto por um sentimento de medo.

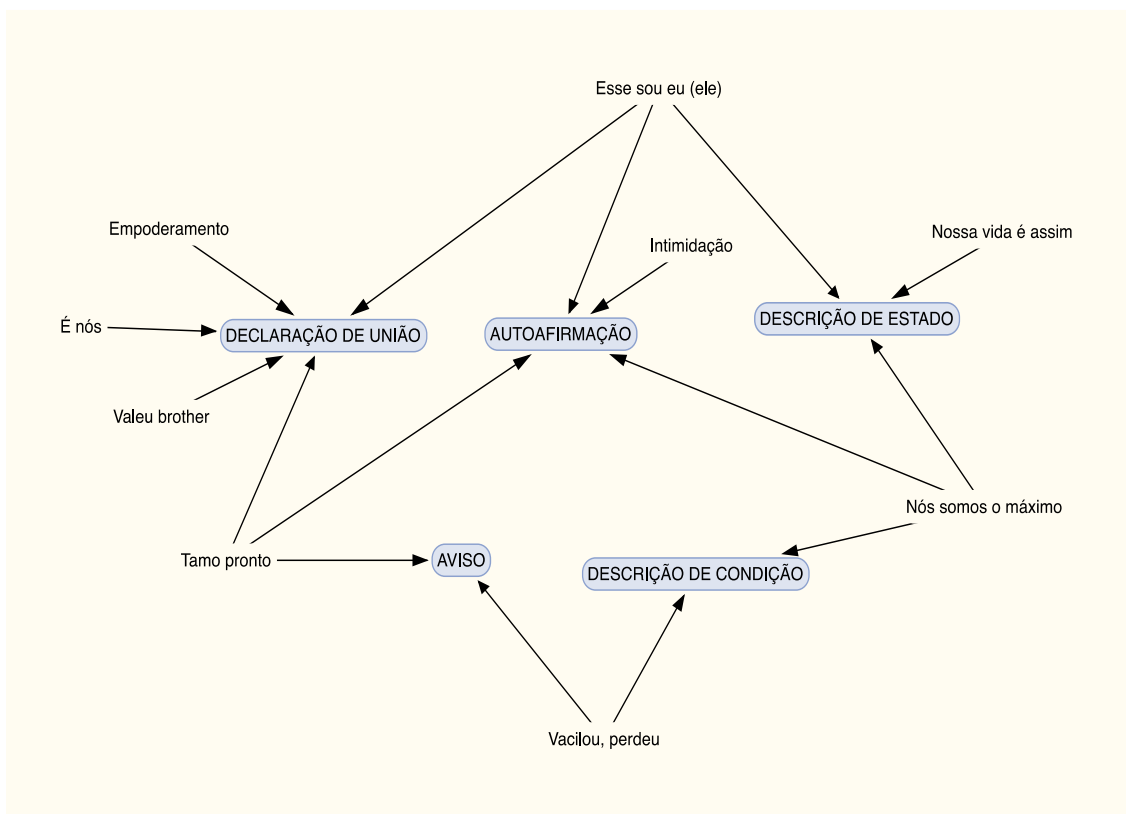
---

<sup>15</sup> Terminologia utilizada para denotar sentimento de temor, medo.

As formas narrativas contidas na função enunciativa “Descrição de condição” apresentam os seguintes produtos: a bazuca, a pistola e o caixão. E as marcas: BCX e *Honda Bis*.

Algumas formações discursivas que foram trabalhadas até aqui, pertencem a mais de uma função enunciativa, como pode ser visto na imagem 7.

**Imagem 7 - Rede das Funções Enunciativas e Formações Discursivas**



**Fonte: Elaboração própria. A partir das Funções Enunciativas e Formações Discursivas**

“Atos violentos” e “Estado de violência” se relacionaram com praticamente todas as funções enunciativas (vide tabela 7), com exceção de “Declaração de união” que não teve coocorrência com ato violento. As funções enunciativas que apresentaram maiores relações com os termos citados acima foi “Aviso”, com respectivamente 11 e 9 coocorrências.

**Tabela 7 - Coocorrência entre funções enunciativas e Ato e Estado de violência**

	Funções Enunciativas					
	Aviso	União	Autoafirmação	Condição	Estado	Total
Ato violento	11	0	6	2	5	24
Estado de violência	9	2	6	2	5	23

**Fonte: Tabela elaborada pelo Atlas.ti 7.0**

No interior de cada função enunciativa os atos e os estados de violência apareciam de formas distintas. Nas funções “Aviso”, “Estado” e “Condição”, tanto os atos violentos quanto as descrições de um estado de violência, surgiram em forma de ameaça, onde na maior parte dos casos eram utilizadas armas (ora representada por sua marca, ora por sua



categoria) como forma de substancializá-las. Já nas funções “União” e “Autoafirmação” esses conceitos, por diversas vezes utilizavam de facções criminosas como instrumento para impor respeito (medo).

Ao correlacionar as funções anunciativas com as marcas presentes nas letras do *funk* proibidão, constatou-se que: facções criminosas, favelas e armas, apresentaram maior número de frequências, apresentando respectivamente 13, 12 e 9 citações (vide tabela 8). Essas marcas foram utilizadas, na maior parte dos casos, com a finalidade de promover a violência. Na função enunciativa “Autoafirmação”, muitos dos trechos analisados apresentaram tanto as facções criminosas quanto nomes de favelas como suas principais marcas. Já na função enunciativa “Descrição de um estado”, mais uma vez surgem as favelas e as armas como as marcas mais presentes. Quanto as categorias de produto, os tipos de armas foram as categorias que apresentaram maior número de observações, totalizando 26 (vide tabela 9), e estiveram presentes em todas as funções enunciativas estudadas.

**Tabela 8 - Coocorrência entre funções enunciativas e Marcas**

		Funções Enunciativas					
		Aviso	União	Autoafirmação	Condição	Estado	Total
Marcas	Armas	3	1	1	0	4	9
	Bebidas	0	0	1	0	0	1
	Cantores	1	3	2	0	0	6
	Carros	0	0	0	0	0	0
	Facção criminosa	4	3	6	0	0	13
	Favela	2	3	3	1	3	12
	Local	1	0	1	0	0	2
	Motocicletas	0	0	0	1	1	2
	Personagens quadrinhos	0	1	0	0	0	1
	Políticos	1	0	0	0	0	1

Fonte: Tabela elaborada pelo Atlas.ti 7.0

**Tabela 9 - Coocorrência entre funções enunciativas e categorias de produto**

Funções Enunciativas
----------------------

		Aviso	União	Autoafirmação	Condição	Estado	Total
Categorias de produtos	Carro	0	0	0	0	0	0
	Arma	10	1	4	1	8	24
	Bebida	0	0	1	0	0	1
	Outros	4	3	2	3	4	16

Fonte: Tabela elaborada pelo Atlas.ti 7.0

Na correlação das formações discursivas com as narrativas que apresentavam violência (vide tabela 10), foram reveladas as seguintes características:

**Tabela 10 - Coocorência entre formações discursivas e perspectivas de violência**

		Ato violento	Estado de violência	Total
d F i o s r c m u a r ç s õ i e v s a s	Empoderamento	2	2	4
	Esse sou eu (ele)	3	2	5
	Estamos prontos	3	3	6
	É nós	0	1	1
	Intimidação	4	5	9
	Nossa vida é aassim	1	2	3
	Vacilou, perdeu	6	5	11
	Valeu brother	0	1	1

Fonte: Tabela elaborada pelo Atlas.ti 7.0

Em “Vacilou, perdeu” e “Intimidação”, acontecem o maior número de ocorrências, respectivamente 11 e 9, onde na maior parte dos casos, a violência se apresentam em forma de ameaça, tal como: “se você não fizer isso, tal coisa pode acontecer”. Já em “É nós” e “Valeu *brother*”, ambas com uma única ocorrência onde a violência acontece por meio de um estado de violência, estado esse que carrega um sentimento de medo as pessoas que estão submetidos a ele.

Dentre as marcas relacionadas nas letras analisadas, temos:

- Armas: fuzis AR-15 e M-16 (EUA), fuzil AK-47 (Rússia), fuzil 762 (Brasil), submetralhadoras URU e INA – Ingratek (Brasil), Glock

(Áustria), metralhadora Pisto-UZI (Israel), rifle Winchester (EUA), pistola Garrucha (Brasil), metralhadora Beretta M-12 (Itália), espingarda G3 (Alemanha), pistola CZ-45 (República Tcheca) e Pazã (Brasil).

- Favelas: no Rio de Janeiro: Antares, Morro do Dendê, Complexo do Alemão, Nova Holanda, Cidade Alta, Matinha e Morro do Borel; e em São Paulo: Jaú, Vila do Sapo, Penha e Cangaíba.
- Facções criminosas: Comando Vermelho, Primeiro Comando da Capital e Família do Norte.
- Veículo: Porsche, i30, Blazer, Cobalt, Veloster, Bandit, Honda BIS, XRE e BCX.
- Bebida: Red Bull e Whisky

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho partiu da percepção de violência narrada nas letras do *funk* proibidão, com isso a literatura foi visitada e destacou-se as definições apresentadas por Odália (1985), Sodré (2002) e Žizek (2014) sobre violência. Diante disso essa pesquisa fundamenta-se no seguinte questionamento: “*Com que funções enunciativas objetos relacionados a atos de violência subjetiva aparecem nas letras do funk proibidão?*”

Na análise das 18 letras que compuseram o corpus dessa pesquisa, cinco funções enunciativas obtiveram maior destaque: “Declaração de união”, “Autoafirmação”, “Descrição de estado”, “Aviso” e “Descrição de condição”. Cada uma dessas funções apresentou uma descrição distinta, como pôde ser visto na tabela 4, e constatou-se que as duas primeiras funções informadas acima, foram as que apresentaram maiores quantidades de formações discursivas em seu escopo.

Em muitas letras analisadas a violência aparece tanto com o intuito de descrever a união existente entre um ou mais grupos, em algumas ocasiões essa união acontece na junção de facções criminosas distintas que tinham por finalidade o combate a uma terceira facção, quanto com a finalidade de realizar uma autoafirmação, ora demonstrando o tamanho da crueldade dos componentes daquele grupo, sempre tentando intimidar alguém, ora se apropriando de marcas e categorias de produtos na realização dessa promoção.

Perante o questionamento que serviu como cerne desse trabalho, destacou-se como objetivo final identificar e descrever como a violência subjetiva aparece em enunciados presentes nas letras do *funk* proibidão. Nas mais diversas formações discursivas a violência se mostrou tanto por meio de um ato quanto pela percepção de um estado de violência, tendo como destaque a formação discursiva “Vacilou, perdeu” que apresentou o maior número de violência descrito nesse trabalho, conforme pôde ser visto na tabela 10.

No que tange os objetivos intermediários, foram identificadas as marcas e categorias de produtos mais presentes nas letras do *funk* proibidão, tais como: as armas,

as favelas e as facções criminosas. A canção “Rap das armas”, da dupla Cidinho e Doca é o maior exemplo entre as letras analisadas, que apresentam destaques a mais de 20 marcas e categorias de produtos distintas. Muitas das vezes as facções criminosas são anunciadas por meio de “apelidos” dados a elas, como forma de tornar imperceptível a presença da mesma na canção, como acontece nos seguintes casos: *“É o trem, é o trem bala da alta”* (O General chegou – Mc G3) e *“Tudo 2 no pondilhão”* (Tá tranquilo – Mc Orelha). *“Trem bala”* e *“Tudo 2”* são formas distintas de referenciar a facção criminosa Comando Vermelho.

Identificar as funções enunciativas dos enunciados em que marcas e categorias de produtos estavam presentes era outro objetivo intermediário deste estudo. Em praticamente em todas as cinco funções enunciativas, pode-se perceber a presença de marcas e de categorias de produtos. “Aviso”, “Autoafirmação” e “Descrição de estado”, foram as que obtiveram maior número de ocorrências onde marcas como armas, facções criminosas e favelas foram as mais utilizadas na promoção da violência.

O último objetivo intermediário dessa pesquisa, pautou-se em analisar o que essas funções enunciativas revelaram sobre a violência subjetiva assim como ela é representada no *funk* proibidão.

A violência que Zizek (2014) classifica como subjetiva, pode se fazer presente nas percepções apresentadas por Sodré (2002), como ato violento ou estado de violência. Dentro desses aspectos, percebeu-se que as funções enunciativas elucidadas nesse estudo revelaram algumas formações discursivas que facilitaram o entendimento dessa violência.

Foram destacadas nove formações discursivas presentes no interior dos discursos das letras analisadas, são elas: “É nós”, “Empoderamento”, “Esse sou eu (ele)”, “Estamos prontos”, “Intimidação”, “Nós somos o máximo”, “Nossa vida é assim”, “Vacilou, perdeu” e “Valeu brother”.

Muitas dessas formações discursivas se apresentaram por meio de uma violência, porém em algumas situações foi possível a constatação da violência que Zizek (2014) chama de objetiva, que é aquela que o autor considera como imperceptível, assim como pode ser visto na fala no Mc Catra, defendendo a ideia do *funk* proibidão: *“O proibidão*

*é feito para ser cantado no baile. Não é uma apologia ao crime, mas um relato da minha comunidade.”*

A fala do cantor ajuda a defender a ideia dos níveis diferentes de tolerância da violência. Os membros da sociedade que pertencem “ao asfalto”, consideram o *funk proibidão* o mais violento de todos. Já os membros das favelas, enxergam nessa vertente do *funk*, a oportunidade de tornar público a realidade vivida por eles no dia a dia. O que para uma parte da cidade é agressão pura e simples a ponto de ensejar um projeto de lei que pede a proibição de bailes funk, para outra – que no Rio de Janeiro pode ficar a menos de 50 metros – é a expressão de uma realidade cotidiana, retrato da forma como acontecem relações de poder num lugar onde o estado não chega. Investigar essas forma de expressão, portanto, ajuda a entender melhor essas relações num nível naturalizado, cotidiano, e pode ajudar formuladores de políticas públicas a desenvolver políticas culturais que neutralizem a influência de grupos criminosos sobre a juventude.

Independente de como as pessoas enxergam o *funk proibidão*, percebe-se que em muitas dessas letras as marcas e as categorias de produtos funcionam, em sua maior parte, como objetos que ajudam a promover a violência, podendo assumir as mais variadas formações discursivas apresentadas neste trabalho. Aqui não aparece a exposição do produto como um símbolo de status relacionado à capacidade de consumo, à renda, como possivelmente acontece no funk ostentação, mas sim como símbolo de status como força bruta, como poder violento. Esse aspecto merece investigação em trabalhos futuros.

Com a finalidade de melhor identificar e descrever como as funções enunciativas relatam a violência nas letras do *funk proibidão*, é recomendado que se faça um levantamento que abarque questões como a construção da identidade dos membros das facções criminosas por meio das marcas e categorias de produtos presentes nas canções. Uma outra recomendação para pesquisas futuras, seria a realização de um comparativo entre as funções enunciativas trabalhadas nesta dissertação com aquelas presentes nas letras do *funk ostentação*, uma vez que foram observadas que também dentro do *funk proibidão*, diversas marcas são utilizadas para ostentar.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. Academia Brasileira de Letras. BECHARA, E. C. São Paulo: Companhia Editora Nacional: 1312 p. 2008.

ABDALLA, C. C. **Rolezinho pelo funk ostentação: um retrato da identidade do jovem da periferia paulistana**. 2014. 102 p. (Mestrado). EAESP - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas - FGV, São Paulo.

ALBINO, J. et al. Cultura de Consumo, Comunicação e Práticas de Branding: Aproximações Possíveis. In: IV Encontro de Marketing da Anpad - EMA. Anais do IV Ema, 2010, Rio de Janeiro. p.1-17.

ARNOULD, E. J.; THOMPSON, C. J. Consumer Culture Theory (CCT): Twenty Years of Research. **Journal of Consumer Research**, v. 31, n. 4, p. 868-882, 2005.

ASSIS, L. R.; NASCIMENTO, L. O Serviço Social Frente a Violência. In: XVI Jornada Nacional da Educação: Educação Território de Saberes. XVI Jornada Nacional da Educação: Educação Território de Saberes, 2013, Santa Maria. Centro Universitário Franciscano.

BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUER, M. Análise de ruído e música como dados sociais. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. . Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. cap. 15, p.365-390.

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. cap. 8, p.189-217.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. cap. 2, p.39-63.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 7º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 516p.

BARROS, D. F. **O Eleitor, o Político e o Marketing Político – o Bom, o Mau e o Feio**. 2006. 123 p. (Mestrado). EBAPE - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

BEZERRA, V. A. Horace Silver. 2001. Disponível em: < <http://www.ejazz.com.br/detalhes-artistas.asp?cd=136> >. Acesso em: 28 dez. 2016.

BOUCHET, D. **What is violence**. Paper presented at the 39th Annual Macromarketing Conference. London - UK 2014.

CAMPBELL, C. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, L. e CAMPBELL, C. (Ed.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. cap. 2,

CARDOSO, R. C.; TEIXEIRA, V. R.; LEMOS, A. P. S. **Funk carioca como movimento interdisciplinar**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Rio de Janeiro: Unigranrio. v. 15: 17-29 p. 2016.

CHESNAIS, J.-C. **Histoire de la violence en Occident de 1800 à nos jours**. Paris: R. Laffont Paris, 1981.

CORRIGAN, P. **The Sociology of Consumption – an Introduction**. London: Sage, 1997.

CUNHA, S. E. Gaiola da Cabeçudas e Gaiola das Popozudas: uma análise sobre a representatividade e os conflitos do funk carioca no YouTube. **Música Popular em Revista**, v. 2, 2013.

CUNHA, T. R. A. **O preço do silêncio: mulheres ricas também sofrem violência**. Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2007. 260 p.

DIAS, R. **Sociologia clássica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil 2014.

DORNELLES, B. **Brasil e o mundo: temas em debate na mídia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 264 p.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. UFRJ, 2006.

ENGEL, F. F.; BLACKWELL, R. D.; MINIARD, P. W. **Comportamento do Consumidor**. 9º ed. São Paulo: Tomsom, 2005.

ESSINGER, S. **Batidão: uma história do funk**. Rio de Janeiro: Record, 2005. 292p.

FACINA, A. Não me bate doutor: funk e criminalização da pobreza. In: V ENECULTV, 2009, Salvador. V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura: ENECULTV.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERREIRA, A. L.; SCHRAMM, F. R. Implicações éticas da violência doméstica contra a criança para profissionais de saúde. **Revista de Saúde Pública**, v. 34, n. 6, p. 659-665, 2000.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 244p.



GAIÃO, B.; SOUZA, I.; LEÃO, A. **Consumer culture theory (CCT) já é uma escola de pensamento em marketing?** *RAE-Revista de Administração de Empresas*. v. 52: 330-344 p. 2012.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. e GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis - RJ: Vozes, v.7º ed., 2008. cap. 10, 516p.

GONÇALVES, S. C. O método arqueológico de análise discursiva: o percurso metodológico de Michel Foucault. *História e-História*., 2009, Campinas/SP. NEE-UNICAMP. p.1-21.

HERMETO, M. **Canção popular brasileira e ensino de história: palavras, sons e tantos sentimentos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora 2012.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. 304p.

HOLBROOK, M. B. What is consumer research? *Journal of Consumer Research*, v. 14, p. 128-132, jun. 1987.

ISMAEL. A História do Funk (RT). 2009. Disponível em: < <http://ismaelsilva02.blogspot.com.br/2009/09/historia-do-funk.html> >. Acesso em: 28 dez. 2016.

KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. **Princípios de marketing**. 9º ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

LAIGNIER, P. **Do funk fluminense ao funk nacional: O grito comunicacional de favelas e subúrbios do Rio de Janeiro**. 2013. 405p. (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LEÃO, A. L. M. D. S.; MELLO, S. C. B.; SILVA GAIÃO, B. F. Uso das Marcas na Vida Cotidiana como Busca por Distinção Social. *Revista Organizações em Contexto-online*, v. 10, n. 20, p. 85-116, 2014.

LEONARD, H. A.; CABUSAS, J. The Lived Experience of Consuming Violence. *Advances in Consumer Research*, v. 36, p. 842-843, 2010.

LIBARDI, G. B. **Como elas fazem e ouvem Funk em Porto Alegre : estratégias de autopromoção midiática e práticas de consumo**. 2016. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação., Universidade Federal do Rio Grande do Sul., Rio Grande do Sul.

MATTOS, C. D. S. **No Ritmo Neurótico: cultura funk e performances "proibidas" em contexto de violência no Rio de Janeiro**. 2006. 154p. (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UERJ, Rio de Janeiro.

MCCRACKEN, G. **Culture and Consumption: New approaches to the symbolic character of consumer goods and activities.** Bloomington Indiana University Press, 1988.

MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. 182 p.

MINAYO, M. C. D. S.; SOUZA, E. R. D. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, p. 7-23, 1999.

NOVAES, D. **Funk Proibidão: Música e Poder nas Favelas Cariocas.** 2016. 140p. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro.

ODALIA, N. **O que é violência.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, R. C. A.; AYROSA, E. A. T. Reflexões sobre consumo e o conceito de violência: Uma revisão crítica. XL Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração - EnANPAD, 2016, Costa do Sauípe - BA. ANPAD.

OLIVEIRA, E. M. S. O. **Rap contestação e funk ostentação: consumo e discursos sonoros na periferia.** 2016. 135p. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UNESP - Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, São Paulo.

OLIVEIRA, J. C.; MARTINS, F. A. As variadas facetas da violência. In: 4º Congresso Internacional de Ciências Criminais. Criminologia e Sistemas Jurídico-Penais Contemporâneos, 2013, Porto Alegre. Edipucrs. p.1-15.

OLIVEIRA, M.; LEÃO, A. L. **A constituição da identidade metrosssexual pelo Consumo.** RN - Revista de Negócios. Blumenau: n. 1. v. 16: 87-111 p. Jan-Mar 2011.

PAIXÃO, M. V. **Pesquisa de planejamento de marketing e propaganda.** Curitiba: Intersaberes, 2012.

PALOMBINI, C. Funk proibido. In: AVRITZER, L.; BIGNOTTO, N., *et al* (Ed.). **Dimensões políticas da Justiça.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p.650-657.

PERCILIA, E. Música de Protesto. Disponível em: < <http://brasilecola.uol.com.br/artes/musica-protesto.htm> >. Acesso em: 04/12/2016.

PINKER, S. **A History of Violence.** Washington D.C: The New Republic, 2007.

PITANGA, C. **Meios de comunicação, fontes de entretenimento.** Promove. Belo Horizonte 2005.

PODOSHEN, J. S.; VENKATESH, V.; JIN, Z. Theoretical reflections on dystopian consumer culture: Black metal. **Marketing Theory**, v. 14(2), 2014.

PORTO, M. S. G. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. **Sociologias**, v. 4, n. 8, p. 152-71, 2002.

SÁ, S. **Funk carioca: música eletrônica brasileira?** Revista E-Compós. Brasília. v. 10 2007.

SALLES, E. P. O Bom e o Feio Funk Proibidão, Sociabilidade e a Produção do Comum. **Revista Z Cultural**, v. Ano III, n. 3, p. 1-8, UFRJ, 2011.

SANDHUSEN, R. **Marketing básico**. São Paulo: Saraiva, 1998.

SANTOS, C.; CASTRO, R.; PIRES, V. **Adolescência: a violência no baile funk**. CES Revista: periódico oficial do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 21: pp.165-179 p. 2007.

SCHERRER, R. Funk ostentação: consumo e identidade dos jovens da periferia1. COMUNICON, 2015, São Paulo. PPGCOM ESPM. p.15.

SILVA, R. Os Bailes da Pesada do Rio Quatrocentão (RT). Postado em 02.12.14, às 15:36. Disponível em: < <http://sourio450.blogspot.com.br/2014/12/os-bailes-da-pesada-do-rio-quatrocentao.html> >. Acesso em: 28 dez. 2016.

SILVEIRA, I. D. C. **A luta por uma identidade: uma etnografia sobre a subcultura de consumo de MMA**. 2011. 75p (Mestrado). EBAPE - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

SLATER, D. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SODRÉ, M. **Sociedade, Mídia e violência**. Porto Alegre: Sulina: Edipucrs, 2002.

SOUZA, M.; MARTINS, F. M. M. C.; ARAUJO, J. N. G. **Dimensões da violência: conhecimento, subjetividade e sofrimento**. Casa do Psicólogo. São Paulo 2011.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Métodos Estruturalistas: Pesquisa em Ciência de Gestão** São Paulo: Atlas, 2008. 239p.

TOCALINO, S. B. Uma breve história do consumo. 2016. Disponível em: < <http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/uma-breve-historia-do-consumo/93922/> >. Acesso em: 08 jan. 2016.

VAZ, O. E. M. **Funk nacional: sons de um movimento em construção**. 2013. 105 p. (Mestrado). Programa de Mestrado em Comunicação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.

VIANNA, H. P. **O Baile Funk carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos**. 1987. 108 p. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. (Ed.). **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.13-28.

ZIZEK, S. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo, 2014.

## 7. ANEXOS

**Tabela 11 - Vertentes com as tipologias do funk apresentada por Laignier.**

Vertentes	Características	Título da música	Cantores / MC's
Consciente	Aborda temas como etnia, gênero e classe.	Rap da Felicidade	Mc's Cidinho e Doca
Proibidão	Relata por diversas vezes a realidade violenta das favelas, porém sempre trazendo algum tipo de apologia a facções criminosas.	Bonde da Providencia	Mc Duduzinho
Pornográfico	Trazem o sexo, de forma clara e explícita em suas letras.	Mama	Valesca e Mr. Catra
Sensual	Confundido com a vertente anterior, porém nessa vertente o sexo não aparece representado de forma tão aparente.	Matemática	Tati Quebra Barraco
Irônico	Nesta vertente são narradas histórias, que por diversas vezes fazem parte do cotidiano das pessoas, porém de uma forma cômica.	Dona Gigi	Os Caçadores
Romântico	Narram o amor entre duas pessoas.	Fico assim sem você	Claudinho e Buchecha
Nonsense	Não apresenta características bem claras. São comumente utilizadas para apresentação dos cantores nos bailes.	Passinho do Volante	Mc Federado e os Leleks
Gospel	Tem um cunho religioso.	Quem quer Deus ai?	Mc Adriano
Recado	Considerado uma ramificação do proibidão, sendo que sua intenção é mandar recados para outras facções criminosas.	Pode Baquiar	Mc S3
Infantil	Sua principal característica é levar o estilo musical também as crianças.	Jonathan da Nova Geração	Jonathan Costa

**Fonte: Elaboração própria, a partir das vertentes de Laignier (2012).**

## **A Quebrada Tá Assim**

**MC Daleste**

É neguin

No meu tempo nós olhava para os dois lados da rua pra não ser atropelado

Hoje em dia

Nós olha pros dois lados da rua pra não levar um tiro na cara

Tá ligado?

É a quebrada tá assim, zona louca até o fim

Tô junto com meus parceiros disposição tem sim

Pra dar e vende, lalalauaalauê

E no final, o certo vai prevalecer

O certo vai prevalecer

É a quebrada tá assim zona louca até o fim

Tô junto com meus parceiros disposição tem sim

Pra dá e vende, lalalauaalauê

E no final, o certo vai prevalecer

O certo vai prevalecer

Posso ser meio antiquário, mas sinta esse som da periferia

Quem tá de miliano, vai dar mó valor porque o dia-a-dia

Tá embaçado e a molecadinha não tá querendo estudar

E algo me diz que isso ainda pode piorar

Nóis é a nata e não pode deixar bater a nave

Ostentação é ilusão o lance aqui é de humildade

Proceder e de igualdade só quem é vai dizer

Os que nunca falha tá de volta se aguenta segura aê

A diferença é que nós tá 10 mil vezes mais pesado

Eu corro pelo certo

Não fecho com safado

É nós por nós, eu por você, você por mim e vice-versa

Se for "jack" ou talarico, amigo, não tem conversa

É a quebrada tá assim zona louca até o fim

Tô junto com meus parceiros disposição tem sim

Pra dá e vende, lalalauaalauê

E no final, o certo vai prevalecer

O certo vai prevalecer

É a quebrada tá assim zona louca até o fim

Tô junto com meus parceiros disposição tem sim

Pra dá e vende, lalalauaalauê

E no final, o certo vai prevalecer

O certo vai prevalecer

Atirando pra cima rajada de rima acertou algum, algum, algum morador

Atirando pra cima acertou algum morador, algum, algum, e Deus iluminou

Sou da família pobre loco da quebrada da Penha

Cangaíba, Jaú, amigo, você sabe que é encrenca  
Levo no coração a união de passar adiante  
Pode pá que não dá outra, briso nas letras do funk  
Relembrando tempos bons que não voltam mais  
Mas aprendi na vida que não pode olhar pra trás  
Tipo colômbia, MC Daleste tá soltando a voz  
O barato é louco, o processo é lento, mas meu porsche é veloz  
Se moscar na viela é papum, vai pro saco  
Se moscar na madrugada é bala pra tudo que é lado  
Mas eu tenho fé em Deus, elas não vão me atingir  
Protejo a minha família, sou pobre loco até o fim  
Eu peço a liberdade para todos irmãos  
Tá ligado moleque braço, a nata na contenção  
O papo é quente, eu tô ciente, a chapa é quente  
A tiradentes é monstra

Você tá ligado que a ideia é boladona  
Pé de break volta de ré, vocês não vão conseguir  
Eu protejo minha família até eu cair  
E pra me derrubar vai ter que vir de bazuca  
Caso contrário vacilão, paga tomando na nuca

É a quebrada tá assim zona louca até o fim  
Tô junto com meus parceiros disposição tem sim  
Pra dá e vende, lalalalalalauê  
E no final, o certo vai prevalecer  
O certo vai prevalecer

É a quebrada tá assim zona louca até o fim  
Tô junto com meus parceiros disposição tem sim  
Pra dá e vende, lalalalalalauê  
E no final, o certo vai prevalecer  
O certo vai prevalecer

Essa última parte eu vou mandar pros aliados  
Que no começo acreditou em mim, Jaú, Vila do sapo  
Diego Mineirinho, Ceará, Apagão, três relíquias do Carrão  
Beto, Lulu, Carlinhos Gavião, Cesinho olha a vibe de tensão  
Fabinho alemão, filho lá da dona Quara  
Binho que agora é pesado, moleque é a nata  
Mas na antiga era 171 mano, que eu tô ligado  
Da Vila do sapo, besteira de infância, montoya não vou dizer  
Tá ligado, moleque braço um salve para o Pêpê  
E o Digão salve, salve o ccq  
Morro da fé, Tiago se a palavra tem ele  
Big so, de heuer tag o que, é que até hoje eu me lembro  
Daquela festinha na viela, para as crianças  
E foi isso que não deixou eu perder a esperança  
É só cria bolado, Andrew, Luan dor de um passado

Chaverinho guerreiro bolado, fala que é nós tá ligado  
Aumenta leite, aumenta pão, aumenta a condução  
Mas o salário meu irmão, não dá pra nada não  
Porque o Italoco do Jaú mandou um recado  
"Use 12 em oposto" e só quem é tá ligado  
E se eu esqueci de alguém, me perdoa família  
Pode pá que não da outra é nós na verdadeira sintonia  
E hoje em dia, os moleque que tá comigo  
Tá ligado que fortalece é o Pet, Rodrigo  
Moleque monstro, escuta que eu mando  
É o Marcelo, moleque fulano e sicrano  
Não fala mal, porque não tem o que falar  
E aí Avaia tá ligado é nós que tá  
E o da cinzala, moleque é no sapatinho  
Lealdade e disciplina, salve pro Moreninho  
Tá ligado que nosso o bonde é guiadão pela fé  
Assim que é, um salve meu mano Dj André  
E vamo junto e misturado até onde Deus quiser

Porque nossa vida é assim molekão  
O dia de amanhã pertence à Deus  
E até onde Deus quiser nós vai tá ligado?  
MC Daleste, eu peço paz para todas as quebradas  
Hoje é 2013, mas aê família, tô lembrando do meu passado  
Resolvi fazer essa letra  
Em prol tá ligado do funk consciente  
O funk que tem uma ideologia monstra  
E tem muitos que não vão gostar que eu tô ligado, tá ligado, meu parsa?  
Mas só que nós não faz nada pra agradar ninguém  
Ser funkeiro é exatamente isso: É remar contra a maré  
E quem quiser que bate de frente  
Eu não sou mais que ninguém  
Eu não sou mais que ninguém  
Eu sou apenas quem eu sou  
Eu sou Daleste

Tipo guerrilha  
Monstro dos monstros

## **A rebelião - FDN**

### **MG G**

Aqui é o crime organizado  
Ta tudo monitorado  
Fechado aos aliado  
Representa o nosso estado  
Decretado o poder  
A ordem vou te dizer  
Foi batido o martelo pra torar os PCC  
O Comando é um só ta daquele jeito  
Representa FDN junto ao CV  
Pega a visão é a conexão  
Tomamo de assalto todo o cadeiaão  
Presetamo de tal forma e a massa reunida  
Pra quem pagou de doido sentiu o poder da família  
Aqueles que conspiro traíram a família  
O bagulho foi mais doido se batendo igual galinha  
Foi troca de tiro, policia não peitou  
A bala comeu no solto e a rocam Recuou  
Tava tudo dominado a cadeia em nossas mãos  
E os preso do decapitado na quadra do cadeiaão

Vou passando outra visão o estado se ligar  
Nossa estrutura aqui é forte jamais vão nos derrubar  
Pode anotar escreve o que eu to falando  
A força do FDN só tava começando  
Então não desacredita que a guerra só começou  
É a família do norte botando maior terror

Nois aqui é pelo certo e não aguenta safadeza  
Foi mídia no mundo todo arrancamos várias cabeça  
Um aviso eu vou dar então fica ligado  
Somos FDN e CV lado a lado  
Respeito, bota o respeito aos irmão que é fechamento  
Aqui só os terrorista pesadão nesse momento  
Armamento de pistola, de 12 e de granada  
Jogamo no seguro e não sobrou foi é mais nada

Papo reto meu parceiro pode crê nois tá no pique  
1 de janeiro representamo o crime  
Aqui é sem palpite e também poucas palavras  
É a família do norte em todas as quebradas  
Aqui é sem palpite e também poucas palavras  
Do norte do amazonas para todas as queradas  
É nois



## **Antares só tem vagabundo**

### **MC Vítinho**

O maior inimigo do pensador é o pensamento  
Um vive de sonhos outro de momentos  
Tu pensa que tu domina a droga, mas a droga que vai te dominar  
Então pode ficar sabendo, não pode vacilar  
Ninguém cobre vacilação deu mole destino é sem caixão  
Então não deixe a emoção vencer a razão  
E quem criou a verdade sabia o que tava criando  
E se a vida fosse fácil, nós não nascia chorando  
E sem pensa duas vezes nós paga tudo a vista  
Nós investi na família e também na putaria  
Buceta pra nós é lixo  
É igual a pacote de biscoito  
Se hoje nós perde uma amanhã tem mais 18  
Nossa boca tem dente de ouro  
O chefe joga sujo  
Nós te tira do lixo e te coloca no luxo  
E se saber me dar prazer te deixo tão feliz  
Nós patrocina bcx ou então honda bis  
Que a pureza e paz por vez tão tranquilo  
Não se iluda com sorriso de bandido  
Por que hoje eu tenho orgulho de dizer que eu vim da pobreza  
E com a força de vontade eu conquistei a riqueza  
E as mulher se ilude com nosso poder, com nosso dinheiro  
E elas vem tudo pra cá, tudo conhece o nosso mundo  
Sabe por que?  
Porque a mistura perfeita é o crime com a putaria  
Chama as novinha pra rolar orgia  
Na sabedoria aqui nós banca tudo  
Aqui no antares só tem vagabundo (2x)

(papai ta aí)

## **As + foda do PCC**

Isso é primeiro comando  
Disposição pra dar e vender  
Representamos  
Da CDD a AL so tem terrorista  
Metete a peça na mão  
E chapa quente na pista  
A minha quebrada  
Vale maior neurose  
Pedindo a liberdade do Billy e pro Pixoti  
Pilica não tá mais com a gente  
Fica firmão  
Tamo metendo a chapa quente

E se mexer com nós (2x)  
(A bala come)  
O bonde de Osasco mete bala até nos Homi (2x)

Repete

Mas se brotar em Osasco a chapa vai esquentar parapa pa parapa pa  
Se o conspirador colar  
A chapa vai esquentar parapa pa parapa pa

Vacilão chegou a hora  
Bota a cara não se esconde e chora, chora , chora  
Vacilão, chora, chora  
Pede perdão (repete)

Eu vou manda lhe um papo  
Sem neurose eu mando pra tu  
Não posso esquecer do meu mano Gadaúm  
Na rima ta ligado  
É nós é o seguinte  
Não posso me esquecer do meu mano que é o Patrick  
Eu vou te dalhe uma ideia  
Marcelo preste atenção  
Ta ligado que eu sou a relíquia do funk proibidão  
Eu vou te dalhe um papo  
Mostra meu “poceder”  
Beijo daqui de cima  
Os mano do pcc  
É todo sintonia  
Curtindo o batidão  
Se falar que aqui tem briga é mentira sangue bom  
Ta tranquilo sem neurose  
É desse jeito mesmo  
O som é invocado

Tamborzão é violentoooooooo  
Sabe como é que é né moleque  
De uma história triste que vamos contar  
E nas nossas comunidades fez muita gente chorar  
Vários amigos nossos, que não estão aqui  
Fizeram uma viagem pro mundo sem fim  
Eu adorava ver todos eles voando  
Por isso meu sentimento no funk estou expressando  
Dos bailes que curtimos juntos  
Meus amigos estou lembrando  
Os belos momentos que no funk nós passamos

É que um dia eu tive um sonho eu tenho que contar  
Os amigos que voltaram pra poder nos visitar  
Paz e amor entre as comunidades  
Os amigos não se foram só fizeram uma viagem

## **Assalto a Banco**

### **Dinho da Vp**

Ta planejado o assalto a banco chama logo meu mano pivete

Não pode esquecer o ak 47

Fura colete estoura geral tu pode pá que o bonde destrói

Qualquer engraçadinho que quer ser super heroi

Chave no contato liga o veloster a quadrilha ja ta reunida

Vai na contenção o cobalt e o i30

Pega a pistola carrega os pente e o fuzil 762

Pronto pra atirar nós não deixa pra depois

Entramo no banco chegamo enquadrando

O gerente ja ta de refen pega os malote que tem as nota de 100

Vai logo pro chão vai caraio porra nosso bonde não tem dó

Na mira do sniper vacilão vira pó

É tatica de guerrilha o plano da quadrilha

Tamo saindo fora sem tirar nenhuma vida

De repente atras vem gente e vem de blazer

Vem com uma na agulha se pá o resto no pente

É sinistro mais nós não corre não papapapapa

É o poder da facção

De repente atras vem gente e vem de blazer

Vem com uma na agulha se pá o resto no pente

É sinistro mais nós não corre não papapapapa

É o poder dos irmãos

É o poder dos irmãos

**Dom Dom Dom ? aqui é PÁ PÁ PÁ**

**Mc Dinho da VP**

Pa pa pa pa pa

Rajada pra cima deles a guerra vai começar

Se os vacilão brotar , o fuzil vai cantar

Vida loca correria

Dia e noite, noite e dia

Em busca do dinheiro

Do sustento da família

100% boladão

Pura disposição

Os menor fuma maconha

Com o seu g3 na mão

Favela ta tomada

Verme aqui não tem vez

Vários 157 e art 33

Lá em cima da laje preste atenção

Tem pistola Glock e 12 de repetição

Não pode dar bobeira tu não pode vacilar

Se tu não tem um B Ó

Os gambé pode forjar

Na entrada da favela tu vai ver várias lombadas

Na inteligência só pra atrasar as barcas

Não é filme de terror mas é daquele jeito

Tem o Fred krugger que é parceiro do Jason

O coringa e a arlequina

Pode pá que ta com nós

Aqui só tem vilão chapa quente que destrói

**Eu sou favela**

**MC Juninho da 10**

É que a favela de hoje em dia

Seja por beco ou viela

Seja baixada ou morrão

Eterna união

E forma as parceria

E fortalece o dia e as correria

Disposição que não para não e não pode faltar

Em qualquer favela de qualquer lugar

Tem que prevalecer fraternidade entre elas

Pra que não haja briga entre as favelas

Entre os caminhos tem o certo e o errado

E tem os olho grande que é pra atrasar teu lado

As favelas choram na escuridão

O culpado é o preconceito, a exploração a ambição

É muita injustiça que acontece toda hora

Trazendo desgraça por causa da revolta

Mas a cara da favela é esconder o sofrimento

Quem passou e quem conhece sabe o que eu to dizendo

Sou favelado humilde

Humildemente, cria de comunidade eu sei que aqui a chapa é quente (3x)

**Fuzil Banhado a Ouro**

**Mc Dinho da VP e Mc Zoinho**

Nóis é Zika , nóis é o torro

Nóis é Zika , nóis é o torro

Dentro da Favela com Fuzil banhado a Ouro

Dentro da Favela com Fuzil banhado a Ouro

(Bota o fuzil pro alto)

É tudo naquele Pike

Só atirador de Elite

Pilotando a Bandit

Vida loka é o crime

A pistola vai no coudri e o Fuzil na bandolera

Só muleque revoltado trabalhando a noite inteira

Essa é a realidade eu não vou te esconder

Se jogaram nessa vida e não tem nada a perder

Ja perderam a Família e tambem o Coração

Vacilo não tem perdão , vai morar embaixo do chão

Em busca da condição dinheiro e varias novinhas

De 600 boladão muleque doido vai pra pista

Nóis é Zika , nóis é o torro

Nóis é Zika , nóis é o torro

Dentro da Favela com Fuzil banhado a Ouro

Dentro da Favela com Fuzil banhado a Ouro

(rajada de tiros)

## **Montagem dos Maconheiros**

### **Mc Magrinho, Mc Bin Laden e Mc Pikachu**

O dj me falou que eu nunca me chateio  
Ele gosta, se amarra no verdinho  
Ele é maconheiro, vou te falar o papo é reto  
Dele tu não se esquece, se amarra no verdinho  
Não conhece é o André Mendez

Essa maconha é do verde  
Sua mente vai passar  
Essa maconha é do verde  
Sua mente vai embrasar  
A sua mente já ta doida e não consegue escutar  
Minhas palavras que é confusa agora tu vai be a ba

[Onomatopeia]

Tava eu e o dj andre fumando um baseado  
Chegou a novinha e pediu pra dar uns trago  
Eu falei assim vamo fazer um acordo  
Da a buceta pra mim o cu e fuma o beck todo



## **Rap das Armas Cidinho e Doca**

Parrapapapapapá papá papá  
Parrapapapapapá papá papá  
Paparrá Paparrá Paparrá clack BUM  
Parrapapapapapapa papá papá

Morro do Dendê é ruim de invadir  
Nóis, com os Alemão, vamo se divertir  
Porque no Dendê vô te dizer como é que é  
Aqui não tem mole nem pra DRE  
Pra subir aqui no morro até a BOPE treme  
Não tem mole pro exército civil, nem pra PM  
Eu dou o maior conceito para os amigos meus  
Mas Morro Do Dendê também é terra de Deus

Vamo lá

Parrapapapapapá papá papá  
Parrapapapapapá papá papá  
Paparrá Paparevoltadorrá Paparrá clack BUM  
Parrapapapapapapa papá papá

Morro do Dendê é ruim de invadir  
Nóis, com os alemão, vamo se divertir  
Porque no Dendê vô te dizer como é que é  
Aqui não tem mole nem pra DRE  
Pra subir aqui no morro até a BOPE treme  
Não tem mole pro exército civil, nem pra PM  
Eu dou o maior conceito para os amigos meus  
Mas morro do Dendê também é terra de Deus

Vem um de AR-15 e outro de 12 na mão  
Vem mais dois de pistola e outro com 2-oitão  
Um vai de URU na frente, escoltando o camburão  
Tem mais dois na reta-guarda, mas tão de Glock na mão  
Amigos que eu não esqueço, nem deixo pra depois  
Lá vem dois irmãozinhos de 762  
Dando tiro pro alto só pra fazer teste  
De INA-Ingratek, Pisto-UZI ou de Winchester  
É que eles são bandido ruim, e ninguém trabalha  
De AK-47 e na outra mão a metralha  
Esse rap é maneiro, eu digo pra vocês  
Quem é aqueles cara de M-16  
A vizinhança dessa massa já diz que não aguenta  
Nas entradas da favela já tem .50  
E se tu toma um pá, será que você grita  
Seja de .50 ou então de .30  
Mas se for Alemão eu não deixo pra amanhã  
Acabo com o safado dou-lhe um tiro de Pazã

Porque esses Alemão são tudo safado  
Vem de garrucha velha dá dois tiro e sai voado  
E se não for de revolver eu quebro na porrada  
E finalizo o rap detonando de granada

Parapapapapapapapapa, valeu  
Paparapaparapapara clack bum

Vem um de AR-15 e outro de 12 na mão  
Vem mais um de pistola e outro com 2-oitão  
Um vai de URU na frente, escoltando o camburão  
Tem mais dois na retaguarda, mas tão de Glock na mão  
Amigos que eu não esqueço, nem deixo pra depois  
Lá vem dois irmãozinhos de 762  
Dando tiro pro alto só pra fazer teste  
De INA-Ingratek, Pisto-UZI ou de Winchester  
A vizinhança dessa massa já diz que não aguenta  
Nas entradas da favela já tem .50  
E se tu toma um pá, será que você grita  
Seja de .50 ou então de .30  
Esse rap é maneiro, eu digo pra vocês  
Quem é aqueles cara de M-16  
Mas se for Alemão eu não deixo pra amanhã  
Acabo com o safado dou-lhe um tiro de Pazã  
Porque esses Alemão são tudo safado  
Vem de garrucha velha dá dois tiro e sai voado  
E se não for de revolver eu quebro na porrada  
E finalizo o rap detonando de granada

Parapapapapapapapapa  
Paparapaparapapara clack bum  
Parapapapapapapapapa

## **TÁ TRANQUILO**

**MC Orelha**

Muita gente ta pensando que ai  
Que nós não ta ligado que so o tempo é o remédio pra tudo  
Muita gente pensa que eu estou roubando to acabando com tudo  
Mas esquece que tem vagabundo nessa porra  
Cada vagabundo age como um lobo  
Que a vida é uma selva ta ligado?  
Então nós ta na atividade que quando nós volta o bicho vai ser louco  
Pra aqueles que tão se criando,  
pra aqueles que tão falando demais  
tão batendo com a lingua nos dente  
que o retorno vai ser foda hein  
sabe porque eu to falando isso?

(rajada de tiro)

Ta tranquilo na fazenda  
Ta tranquilo no fundão  
Ta tranquilo na esperança  
Tudo 2 no pondilhão\*  
Ta na Zelia nada passa  
Sem passar pela visão  
Cu azul monitorado  
Fechando a conexão  
Muita coisa ta mudada  
Mas o pique não mudou  
Não queremos caozada  
Porque nós já é o K Ô

## **Virei bandido**

**MC Orelha**

[Locução]

O cara eu até cheguei a começar no sofrimento, trabalhei sofri a pampa. Perdi meu irmão com 14 anos, na época, e quando encontrei meu irmão tava morto sem olho, sem cabeça, em decomposição, tive que pegar o corpo do meu irmão no colo

E aquilo ali já construiu um pedaço de muro no meu coração

Não tinha mais amor pra ninguém pra nada

Eu já corri atrás do meu objetivo lutando

Hoje eu tenho minha estrela no peito, minha honra, minha dignidade, mas sempre com humildade.

Então tudo isso foi com a minha luta fui conquistando no dia a dia, metendo bala na polícia, roubando quentinha matando quem aparecia na minha frente . E assim fui conquistando... Hoje o que eu tenho foi com meu suor. Não devo nada a ninguém satisfação a ninguém...

Peço perdão a Deus acima de tudo primeiramente

Só ele sabe o que tem no meu coração

Só ele sabe o que passa na minha mente

Mãe me perdoa, por não querer seguir os seus conselhos

Me joguei no crime logo cedo

Mais um soldado do comando vermelho

Desigualdade, aperto, dificuldade, falta de oportunidade, não importa o motivo

Só sei que quando percebi na vida do crime eu já tava envolvido

Parece mole pra quem ta de fora

Mas so sabe como é que é quem é

6h da manhã a favela acordando

E nós ainda de pé pra o que der e vier

Disposição pra picotar na faca, eu tenho

Muita frieza na troca de tiro

Adquiri depois q percebi bandido é máquina de fazer inimigo

É fodaaa

As vezes a pirimbola

Se precisar o gatilho vou apertar

Sou do bloco do trem bala

Que não deixa a desejar

É fodaaa

(Bis)

Nóis marola

Mas sabe que é foda

Nois marola

Mas as vezes o pirimbola

E sabe que é foda

Mas pra bala comer sabe que não tem hora

**Joga a Glock na cintura e deixa aparecer o Pentão  
Mc Orelha**

Nóis não samo nenhum artista tão pouco celebridade  
Mas nossa fama se espalha pela cidade  
Somo o terror dos bacana e o sonho de muita criança  
Que enxerga no fuzil um futuro com esperança  
Cada dia uma missão cada missão um proceder  
Tem dia que é matar  
Tem dia que é sobreviver  
Cheio de bola no meu peito  
Nessa eu não to sozinho  
Por isso meu bonde passa  
E vacilão abre caminho  
Sem ko sem simpatia  
So fecha quem é de fechar  
Tem gente que faço rir  
Gente que eu faço chorar  
Herói ou vilão  
Me chame do que quiser  
Enquanto a fama aumenta cresce a lista de mulher  
Nois troca tiro, troca os pente  
Troca o dia pela noite  
Mas na luta pra amanhã  
Sempre ser melhor que hoje  
Atividade não dorme nem na hora do lazer  
Porque no serrão a bala não tem hora pra comer  
Joga a Glock na cintura e deixa aparecer o pentão  
A mulherada logo marca condição  
Sou do bonde do serrão e mando recado pra tu  
Safado nós mete bala, piranha meto o piru

Joga a Glock na cintura e deixa aparecer o pentão  
A mulherada logo marca condição  
Sou do bonde do serrão e mando recado pra tu  
Safado nós mete bala, piranha meto o piru

## **Bala Na Dilma Sapatão**

### **Mc Vitinho**

O crime é o crime Bandido é Bandido  
a guerra chapa quente isso é profissão perigo  
Nosso bonde é guerrilheiro  
comandando as favela

Nóis gosta da paz  
Nóis nunca fugimo das guerra  
Seu polícia seu peidão  
vocês tudo pagano pau  
Pode vim manda exercito  
Até a força nacional

Seus otário vacilão  
Vocês tudo perde a linha  
Querendo compra morador  
Com caminhão de sardinha

Nóis marola quando pode  
só de Red Bull com Whisky  
Pode até pacificar  
mais a volta vai ser triste

Aqui é só menor treinado  
que te mira e não te erra  
Ataque de caveirão não  
de tanque de Guerra

Não vamo entrega assim  
desentoca o arsenal  
é bala no Viado do Sérgio Cabral

Tomaram o nosso quartel general  
que é no complexo do alemão  
é bala na Piranha da Dilma Sapatão.

RL é a reliquia escute o que eu vo te dizer  
Sou Mc Vitinho sou CV até morrer  
Pixote mandou avisar, mandou dizer  
quero ver quero ver instalar a UPP.

## **Motoboy que passou a visão**

### **Mc Juninho da 10**

Valeu mano MIB. É nois. Seu puto.

É nós que tá. Porra.

Se for nós tu pode chegar, na humildade e com fé.

Piadinha tu mostra na prática menor como tu é.

Motoboy que passa a visão, fica de olho na suas parada.

Vida do crime é foda, não podemos aceitar mancada.

Veja bem com quem você anda, ou acha que é seu braço, não fique marcando bobeira, quem não é visto não é lembrado.

Mas sempre trabalha certinho para não rolar stress, não mexe no seu lucrinho, tem que fazer o do seu chefe.

Mas vapor que é vapor sabe bem qual é da parada. Resposta é resposta que é moral não dar mancada.

Aqui na NH, os amigos deixam ligadão. Quando o MIB chega com a bala e também tras o balão.

As novinhas ainda jogam na cara, quando o bonde passa, Jorge Adão XRE portando as grocadas

No dia a dia nós ta correndo perigo, mas fui eu quem escolhi essa vida que eu vivo.

Então, pra relaxar ascende o Skank e o Barrão.

E aguarda a liberdade no soldado que é bom.

Liberdade ta ligado, para todos os irmão.

É o Bonde da Nova Holanda, e os cria da Pesadão.

(Sons de tiro)

## **É o Bicho ( Versão Proibidão )**

**Mc Dinho da VP**

É o bicho 2x

Baile na favela é só funk proibido

É o bicho

E pra comemorar uma salva de tiros

Baile na favela ham, a chapa esquenta

Tem que ter disciplina não pode arrumar treta

Só mulher gostosa isso aqui ta entupido

Mas tome cuidado pra não virar talarico

Isso não se cria isso não tem perdão

Vários que tentaram foi morar debaixo do chão

Tem problema não, não fique assustado

É só perguntar se a gata tem namorado

Quando toca essa os mano fica empolgado

Saca as pistola e dá vários tiros pro alto

Isso é normal ta tranquilo sangue bom

O baile é lotadão e nunca teve confusão

Mudando e assunto, olha so como ela dança

Cola com os menino que ta com o tubão de lança

Falando em lança eu já to embrasado

O meu é bico verde tipo universitário

Olho para o lado a biqueira ta amil

Vendendo pra caralho

Mano puta que pariu

Fluxo na favela pode crer que é assim

Red bull aquele funk

Eu so quero é ser feliz

É o bicho

Baile na favela é so funk ....



## **O General Chegou**

### **Mc G3**

Acabou o caô, o general chegou, o general chegou  
Acabou o caô, o general chegou, o general chegou

É o trem, é o trem bala da alta  
E o ponto final é lá na praça  
Mas as novinhas, tão passando mal  
Elas já tão comentando que o G3 é o general

E se der mole você toma prejuízo  
Porque aqui manda quem pode, obedece quem tem juízo  
Acabou o caô, o general chegou, o general chegou  
Acabou o caô, o general chegou, o general chegou  
Acabou o caô

## **Era mais um Guerreiro**

### **Mc Dudu do Borel**

Olha o moleque crescendo procurando emprego, mas sem encontrar  
Olha dois ano depois o moleque no morro portando um AK  
Fez inimigo de bota preta um bom inimigo bandido também  
Foi- se o tempo que o Zé tava duro e andava de trem  
Olha a vida desse moço que nem toda noite consegue dormir  
Olha a mãe dele rezando pra que a policia não passe ali  
O pior aconteceu a bala vai comer e o Zé ta na mão  
Ficou 10 ano na cadeia voltou revoltado pro grande morrão  
Olha ele ai de novo, dessa vez é pra valer  
Jurou la do alto do morro que só sai dali quando ele morrer  
Sua palavra se cumpriu quando uma mulher traiu seu coração  
Foi quando o rodo passou e deixou o moleque estirado no chão

Era mais um guerreiro no bonde do nego tentando a sorte  
Era um bom capoeira, martelo cruzado nos braços da morte (2x)

Se na matinha tem guerreiro no borel também  
O comando é vermelho  
Em homenagem ao nego